

PERFIL DO JORNALISTA DO CENTRO-OESTE 2023



Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
REDE DE ESTUDOS TRABALHO E IDENTIDADE DOS JORNALISTAS (RETIJ/SBPJOR)

Perfil do Jornalista do centro-oeste 2023

Características sociodemográficas,
políticas, de saúde e do trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)

Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos 422609/2021-8 e 316093/2021-1.

Coordenação

Prof. Dr. Jacques Mick – PPGSP e PPGJOR (UFSC)

Profa. Dra. Janara Nicoletti – objETHOS/PPGJOR (UFSC)

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima – PPGJOR (UFSC - Coord. Geral)

Comitê de Pesquisa RETIJ/SBPJor:

Edgard Patrício (PráxisJor/UFC Nordeste), Guto Moliani (CPCT/ECA-USP Sul), Marluce Zacariotti (UFT Norte), Fabio Pereira (FAC/UnB Centro-Oeste), Rafael Paes Henriques (UFES Sudeste) e Janaina Visibeli (CPCT/ECA-USP Sudeste).

Equipe de Pesquisa: Abinoan Santiago (PPGSP/UFSC), Carlos Marciano (objETHOS/UFSC), Clarissa Peixoto (objETHOS/UFSC), João Paulo Mallmann (PPGJOR/UFSC), Kalianny Bezerra (PPGJOR/UFSC), Kevin Willian Kossar Furtado (PPGSP/UFSC), Mariane Nava (PPGJOR/UFSC), Vinicius Bressan (PPGJOR/UFSC).

Bolsista de Apoio Técnico: Luisa Meurer Tavares (CNPq/UFSC).

Edição e produção gráfica

Quorum Comunicação

Capa

Rosana Pozzobon

Perfil do Jornalista do centro-oeste 2023

Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho

Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral)

Fernanda Vasques Ferreira

Gabriela Silva Meneses

Nathalia Lopes da Silva

Noêmia Félix da Silva

Rogério Borges



P438 Perfil do jornalista do Centro-Oeste 2023 [recuso eletrônico] : características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho / Samuel Pantoja Lima (Coord. Geral); Fernanda Vasques Ferreira ... [et al.]. – 1. ed. – Florianópolis : Quorum Comunicação, 2023.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>

ISBN: 978-85-63190-28-4 (e-book)

1. Jornalismo – Brasil, Centro-Oeste – Pesquisa. 2. Jornalistas – Brasil, Centro-Oeste – Aspectos sociodemográficos. 3. Jornalistas – Brasil, Centro-Oeste – Aspectos políticos. 4. Jornalistas – Brasil, Centro-Oeste – Indicadores de saúde. 5. Mercado de trabalho – Brasil, Centro-Oeste – Indicadores.
I. Lima, Samuel Pantoja.

CDU: 07.01-057

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071



SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
1 - INTRODUÇÃO	6
1.1 O serviço público na composição da categoria no Centro-Oeste.....	7
1.2 Precarização e saúde dos jornalistas do Centro-Oeste	9
2 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS JORNALISTAS.....	11
3. O TRABALHO DOS JORNALISTAS NA MÍDIA, FORA DA MÍDIA E NA DOCÊNCIA NO CENTRO-OESTE.....	30
3.1 O trabalho dos jornalistas na mídia.....	30
3.3 Jornalistas que atuam fora da mídia.....	44
4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TRABALHO, INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA	51
4.1. Indicadores de saúde laboral e segurança.....	60
5. SATISFAÇÃO NO TRABALHO, PERSPECTIVAS DE FUTURO, CRENÇA E RELIGIÃO ...	70
5.1 Crença e Religião.....	85
6. CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS DOS JORNALISTAS.....	89
7. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, INDICADORES DE PRECARIZAÇÃO E VALORES ÉTICOS.....	100
7.1. Códigos de ética e valores.....	130
7.2. Comentários e avaliações da pesquisa	140
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	153

1 - INTRODUÇÃO

O cenário de mutações profissionais no jornalismo e de reconfiguração do ecossistema midiático que ocorre mundialmente também se manifesta no Brasil e, de forma peculiar, nas regiões que integram o País. Por considerar as especificidades regionais, os múltiplos arranjos e as realidades profissionais multifacetadas que ora refletem dados nacionais, ora se apresentam bastante específicas, é que o Perfil do Jornalista, na região Centro-Oeste, buscou, por meio de esforços de pesquisadoras(es) inseridas(os) no contexto regional, descrever e compreender as múltiplas realidades desde aspectos gerais e relativos às questões identitárias profissionais aos desafios, enfrentamentos, questões relativas à saúde, segurança, crenças, orientações políticas e aos aspectos de qualidade de vida e precarização do trabalho. Por meio de um questionário produzido no *Google Forms*, divulgado na região Centro-Oeste, o recorte para coleta dos dados regionais considerou 502 respondentes. Esse quantitativo atende à proporcionalidade estatística definida para cada região do País.

A enquête realizada pelo estudo nacional, da Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJor), envolveu pesquisadores voluntários de todas as regiões brasileiras e recebeu o apoio das principais organizações nacionais da categoria: Fenaj, Abraji, ABI, APJor, SBPJor e Abej. Na região Centro-Oeste, essa mobilização assegurou a coleta de 683 respostas, conforme Tabela 1. A etapa de saneamento eliminou respostas muito incompletas, incoerentes ou de má-fé.

Tabela 01 - Respostas válidas por estado da região Centro-Oeste da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro (2021)

UF	Respostas
DF	344
GO	135
MS	108
MT	96
Total	683



A título de organização do relatório, o inventário que chega às(os) leitoras(es) segue a sequência do *Perfil do Jornalista Brasileiro 2021*: no *Capítulo 2*, buscamos apresentar as características sociodemográficas dos jornalistas; no *Capítulo 3*, delineamos o trabalho dos jornalistas na mídia, fora da mídia e na docência; no *Capítulo 4*, caracterizamos aspectos gerais do trabalho, indicadores de saúde e segurança; no *Capítulo 5*, apresentamos o grau de satisfação dos jornalistas no trabalho, as perspectivas de futuro, crença e religião; no *Capítulo 6*, fizemos um esforço de compreensão do delineamento político dos jornalistas; e, por fim, no *Capítulo 7*, apresentamos aspectos de qualidade de vida no trabalho, indicadores de precarização e valores éticos, com realces para comentários e análises de respostas abertas em que as(os) respondentes tinham a possibilidade de dispor suas compreensões acerca de tópicos específicos, mas também de fazer uma avaliação da pesquisa como um todo.

O trabalho de descrição dos dados dos jornalistas do Centro-Oeste foi produzido de forma remota, por jornalistas, pesquisadoras(es) e docentes representantes dos quatro estados da região. A metodologia de trabalho considerou uma divisão de tarefas entre os eixos e os capítulos do Perfil dos Jornalistas, buscando fazer descrições e inferências a partir dos dados e correlações com o cenário profissional nacional definido no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. As descrições e interpretações dos dados passaram por múltiplas revisões para construção do texto final, incluindo a redação da introdução e conclusão. Não obstante, o esforço de cada pesquisador(a) e a frequente orientação da coordenação nacional, também neste espaço, entre jornalistas, pesquisadoras(es) e docentes, identificamos um cenário de sobrecarga de trabalho que foi mitigada, no caso específico da produção deste relatório, pelos esforços compartilhados e conjuntos. A seguir, apresentaremos dois pontos de destaque nos dados analisados: o serviço público na composição da categoria no Centro-Oeste e a precarização e a saúde dos jornalistas no Centro-Oeste.

1.1 O serviço público na composição da categoria no Centro-Oeste

A maior parte dos jornalistas do Centro-Oeste, ou seja, 54,8%, está concentrada no Distrito Federal (DF), mesmo não sendo a unidade da federação com maior população na

região. Essa predominância de jornalistas no DF, local do Brasil que concentra um quantitativo significativo de órgãos públicos e, conseqüentemente, vagas em concursos públicos, por abrigar a capital do Brasil, aponta para uma forte influência de servidores públicos na composição da categoria na região. Embora a compreensão dos dados nos mostre que há uma predominância de vínculo empregatício com carteira assinada, respondendo por 42,6%, os servidores públicos vêm logo em seguida, com 17,5%, número maior que a média nacional, de 10,5%.

Os dados de contratação via concurso público e de trabalhadores fora da mídia (assessoria de imprensa, de comunicação ou produção de conteúdo) também são mais elevados que a média nacional, indicando essa participação mais forte do serviço público. A metade dos respondentes que atuam fora da mídia trabalham em instituições públicas federais e estaduais, principalmente no Poder Executivo. A pesquisa do Centro-Oeste mostrou também que 27,4% dos jornalistas estão em instituição pública, evidenciando a importância do serviço público no contexto profissional regional.

Essa presença de servidores públicos na composição da categoria proporciona uma maior estabilidade profissional para os jornalistas no Centro-Oeste, em comparação ao cenário nacional, influenciando os dados sobre renda média e benefícios dos profissionais da região. Em comparação à média nacional, o Centro-Oeste apresenta jornalistas com melhores remunerações. A média de salário mais citada na região foi entre R\$ 5.501 a R\$ 11 mil (32,5%), a mesma da pesquisa nacional, porém com percentual menor (27,1%) que o do Centro-Oeste. Em seguida estão os jornalistas com faixa salarial entre R\$11.001 e 22.000 (15,7%), contrariando os dados nacionais que, nessa faixa, contam com apenas 9,8% dos jornalistas. Além disso, no Centro-Oeste, há 4,2% dos jornalistas que recebem acima de R\$ 22001, enquanto nacionalmente apenas 2,2% recebem nessa faixa de remuneração.

Os jornalistas da região Centro-Oeste possuem mais benefícios do que a média dos jornalistas brasileiros. A maioria dos que recebe algum tipo de benefício, no Brasil, disse ter plano de saúde (37,9%). Em seguida, está o percentual de pessoas que não recebem nenhum benefício (35,8%). No Centro-Oeste, essa configuração é bem diferente, possivelmente pela presença dos servidores públicos na composição do grupo que, além da remuneração, têm acesso a benefícios como diferentes tipos de auxílios. Na região, a maioria, correspondente a 41,6%, tem plano de saúde ou auxílio alimentação (40,4%). Só depois vêm os



que não recebem nenhum tipo de benefício, com 28,7%. Mais uma vez esses números podem ter relação com a presença de servidores públicos no grupo participante da pesquisa.

1. 2 Precarização e saúde dos jornalistas do Centro-Oeste

Os jornalistas do Centro-Oeste, apesar de, no geral, apresentarem uma condição de trabalho melhor que a média nacional, não estão isentos dos traços de precarização que atingem a categoria em praticamente todo o País. Essa condição, conforme a pesquisa nacional, pode inclusive ter impacto na saúde dos profissionais. Lima (2015) aponta cinco indicadores associados à precarização que causa adoecimentos nos jornalistas: jornada de trabalho excessiva; intensificação do trabalho; vínculo precário; salários baixos; e multifuncionalidade. No Centro-Oeste, a maioria dos trabalhadores, totalizando 73,5%, declararam que trabalham mais de sete horas por dia. Esse dado indica que a maioria dos participantes da pesquisa encontra-se em discordância com a legislação brasileira, que estabelece uma carga horária diária de cinco horas diárias ao jornalista profissional (BRASIL, 1979), configurando, portanto, uma jornada de trabalho excessiva para a profissão.

Apesar da presença do serviço público, com empregos mais estáveis que a média nacional e com a maioria dos trabalhadores (60,1%) com vínculos permanentes que garantem direitos e benefícios, os jornalistas do DF também sofrem com os vínculos precários. Os dados sobre tempo de permanência dos trabalhadores jornalistas em seus empregos mostrou que a maioria (29,3%) está no mesmo trabalho por um período de apenas um a três anos. A maior parte dos jornalistas teve dois a cinco vínculos profissionais diferentes (54,2%) em algum momento da carreira de jornalista e/ou de docente. Isso indica uma certa instabilidade na profissão. Além disso, os vínculos mais precários entre os jornalistas também aparecem no DF, como os Microempreendedores Individuais (MEI) (6%), os *freelancers* (4,6%) e os contratos públicos temporários (3%) ou de prestação de serviços (2,8%). Esses últimos apontam relações passageiras de trabalho.

Os dados registram salários melhores que a média nacional, em virtude da participação do serviço público, porém também há registros de faixas salariais mais baixas no Centro-Oeste, incluindo valores abaixo do piso salarial dos estados: até R\$ 1.100 (4,8%), de R\$ 1.101 a 2.200 (7%), de 2.201 a 3.300 (10,8%), R\$ 3301 a 4.400 (11%) e R\$ 4.401 a 5.500 (12,2%). Os

jornalistas costumam trabalhar em equipes, mas há também 10,3% deles que atuam sozinhos no Centro-Oeste, podendo representar um grupo com concentração de tarefas ou o que os pesquisadores denominam como multitarefas. Esse perfil também aparece na pergunta sobre quais as atividades são exercidas em um dia normal de trabalho pelos respondentes da região Centro-Oeste que atuam fora da mídia. Os respondentes marcaram mais de uma opção, revelando o acúmulo de funções e a polivalência exigida desses profissionais.

É possível que esse cenário de precarização seja relevador de respostas que apareceram ao longo da pesquisa, relacionadas à saúde física e mental dos trabalhadores. Mais da metade dos entrevistados (64,8%), por exemplo, responderam que se sentem estressados no ambiente de trabalho. No Centro-Oeste, um quarto dos jornalistas, ou seja, 25% acreditam que não trabalham em um ambiente saudável (13,4% discordam parcialmente e 11,6% discordam totalmente). Quase metade (49,6%) respondeu que sentem dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...). Um número significativo de 69% indicou que sente dores de cabeça no trabalho. Mais da metade (53,6%) também se disse afetado por distúrbios digestivos e quase 80% se queixaram de alterações no sono. Quase metade dos jornalistas também são acometidos por alterações no apetite em algum grau de intensidade.

Somente uma pesquisa mais aprofundada, com o cruzamento de dados quantitativos e qualitativos, será capaz de analisar, de forma mais consistente, a relação direta entre a precarização e os impactos na saúde dos trabalhadores do Centro-Oeste. Este estudo, porém, já traçou um cenário de uma profissão que, apesar de se encontrar em uma situação melhor do que em outras regiões do Brasil, também é atingida com os sinais da precarização e de sofrimentos físicos e psíquicos.



2 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS JORNALISTAS

A maior concentração de jornalistas está no Distrito Federal (DF), correspondendo a mais da metade dos respondentes (54,8%). Os outros 45,2% estão divididos entre os três estados – Goiás (17,9%), Mato Grosso do Sul (16,7%) e Mato Grosso (10,6%). Mesmo não sendo a unidade da federação com maior população do Centro-Oeste¹, o DF concentra a maior quantidade de jornalistas da região, o que corresponde também ao quarto maior contingente de profissionais do Brasil. O número é bastante expressivo já que Goiás, o estado mais populoso da região, tem mais que o dobro da quantidade de habitantes do Distrito Federal. Porém, é o DF que concentra mais da metade dos jornalistas da região.

É possível que o número tenha relação com a quantidade de jornalistas atuantes em Brasília. Além do DF abrigar um dos cursos mais antigos de Jornalismo do Brasil, na Universidade de Brasília (UnB), também dispõe de graduações consolidadas em faculdades privadas. Aliado a isso, Brasília também atrai um contingente significativo de profissionais que atuam nas sucursais dos veículos de comunicação, em órgãos públicos e na docência.

Tabela 02 - Em que estado você vive atualmente?

	Frequência	Porcentagem válida
Distrito Federal	275	54,8
Goiás	90	17,9
Mato Grosso	53	10,6
Mato Grosso do Sul	84	16,7
Total	502	100,0

¹ De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado mais populoso da região Centro-Oeste é Goiás.

Em relação ao gênero, os respondentes se classificam como feminino (60,2%) ou Masculino (39,8%). O número segue a tendência nacional de predomínio feminino na profissão, porém ultrapassa, em alguns pontos, a média nacional, que é de 57,8%.

Tabela 03– Com qual gênero você se identifica?

	Frequência	Porcentagem válida
Feminino	302	60,2
Masculino	200	39,8
Total	502	100,0

Quanto à idade, o maior volume de profissionais se concentra na faixa etária de 23 a 50 anos, com predominância maior de jornalistas entre 31 e 40 anos (32,9%), seguindo os dados do perfil nacional. As faixas com menor quantidade de profissionais são as iniciais, de 18 a 22 anos (4,8%), e acima de 51 anos (18,3%). Na fase final da carreira, acima dos 64 anos, o número de profissionais é ainda mais reduzido, sendo menor até do que a média nacional. Apenas 2,8% dos jornalistas do Centro-Oeste estão nessa faixa etária, enquanto nacionalmente o percentual é de 5%.

Tabela 04 – Você pertence a qual faixa etária?

	Frequência	Porcentagem válida
Entre 18 anos e 22 anos	24	4,8
Entre 23 anos e 30 anos	120	23,9
Entre 31 anos e 40 anos	165	32,9
Entre 41 anos e 50 anos	101	20,1
Entre 51 anos e 64 anos	78	15,5



Acima de 64 anos	14	2,8
Total	502	100,0

Os jornalistas do Centro-Oeste são predominantemente brancos (63,7%), com percentual semelhante à média nacional. A diferença para as outras raças/e ou etnias, assim como no perfil nacional, é muito significativa. Pardos/as correspondem a 23,5% dos jornalistas, pretos/as são 8,8%, amarelos/as 2,4% e indígenas apenas 1%. Na pesquisa, os jornalistas indicaram outras definições como latino-americano (1 menção) e negra (2 menções), representação de cor/raça defendida por movimentos sociais.

Tabela 05 – Como você define a sua cor/raça?

	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	3	0,6
Branca	320	63,7
Preta	44	8,8
Parda	118	23,5
Amarela	12	2,4
Indígena	5	1,0
Total	502	100,0

Em relação ao estado civil, a quantidade de jornalistas que são solteiros e que vivem conjuntamente é praticamente o mesmo. Enquanto há 45,2% de profissionais solteiros, entre os casados (32,3%) ou em união estável (13,1%), ou seja, que provavelmente vivem conjuntamente, esse percentual é de 45,4%. Há também separados (2,2%) e divorciados (6,8%). A pesquisa registrou ainda uma pessoa viúva e uma que designou o estado civil como “moro junto”.

Tabela 06 - Qual o seu estado civil?

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	1	0,2
Solteira (o)	227	45,2
Casada (o)	162	32,3
União estável	66	13,1
Separada (o)	11	2,2
Divorciada (o)	34	6,8
Viúva (o)	1	0,2
Total	502	100,0

A maioria dos jornalistas do Centro-Oeste, seguindo o dado nacional, não tem filhos (59%). Quanto aos que têm filhos, a quantidade de jornalistas diminui à medida que aumenta o registro do número de filhos. Ou seja, 18,1% têm um filho, 14,7% têm dois e 8,2% têm três filhos ou mais. O último percentual, daqueles com três filhos ou mais, foi um pouco maior do que a média nacional, que é de 5,8% dos jornalistas com três ou mais filhos.

Tabela 07 - Você tem filhos?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	296	59,0
Tenho 1 filha (o)	91	18,1
Tenho 2 filhas (os)	74	14,7
Tenho 3 filhas (os)	27	5,4
Tenho mais de 3 filhas (os)	14	2,8
Total	502	100,0



A grande maioria dos jornalistas do Centro-Oeste tem registro profissional (84,9%). O percentual é maior que a média nacional, que corresponde a 77,3% dos jornalistas. Ainda assim, 15,1% dos jornalistas não possuem registro profissional, o que pode indicar avanço também no processo de desregulamentação da profissão, apesar do número ser menor do que a média nacional dos sem registros (22,7%).

Tabela 08 - Você possui registro profissional de jornalista?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	426	84,9
Não	76	15,1
Total	502	100,0

A formação acadêmica, no Brasil, é um indicativo significativo da profissionalização dos jornalistas. No Centro-Oeste, a quase totalidade dos jornalistas, 98,8% dos profissionais, está cursando ensino superior (6,2%); já cursou alguma faculdade (39,4%) ou curso superior tecnológico completo (0,4%); ou tem especialização (32,9%), mestrado (14,3%), doutorado (4,6%) ou pós-doutorado (1%). Em relação à formação, os números são semelhantes aos dados nacionais. Porém, em relação aos profissionais com especialização, o Centro-Oeste está alguns pontos percentuais acima da média nacional (28,6%).

Tabela 09 - Qual o nível de escolaridade mais alto que você possui?

	Frequência	Porcentagem válida
Ensino Médio	4	0,8
Ensino Técnico	2	0,4
Ensino Superior cursando	31	6,2
Ensino Superior completo	198	39,4
Ensino Superior Tecnológico completo	2	0,4

Especialização	165	32,9
Mestrado	72	14,3
Doutorado	23	4,6
Pós-doutorado	5	1,0
Total	502	100,0

A grande maioria dos jornalistas têm formação em Jornalismo ou em Comunicação com habilitação em Jornalismo (94,8%). Há também quem cursou outras áreas da Comunicação, como Rádio e TV (3,8%), Audiovisual ou Cinema (2,4%), Publicidade e Propaganda (2,2%) e Relações Públicas (1,4%). Outros 5,6% têm graduação em áreas diversas das Ciências Humanas e Sociais, como Direito (5), Ciência Política (2), Comunicação Organizacional (2) e História (2). Apenas dois jornalistas fizeram graduação em outras áreas de conhecimento – Física (1) e Saúde (1).

Tabela 10 - Qual é sua área de graduação?

	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação com habilitação em Jornalismo	476	94,8
Publicidade e Propaganda	11	2,2
Rádio e TV	19	3,8
Relações Públicas	7	1,4
Audiovisual ou Cinema	12	2,4
Outra área. Qual?	28	5,6
Total respondentes válidos	502	100,0
Total de respostas	553	



Tabela 10.1 - Outra área. Qual?

	Frequência
Administração Pública	1
Arte	1
Assessoria	1
Assessoria de Comunicação	2
Assessoria de Imprensa	1
Ciência Política	2
Ciências Sociais	1
Comunicação Organizacional	2
Direito	5
Economia	1
Física	1
História	2
Jornalismo	1
Letras	1
Marketing Digital	1
Pedagogia	2
Saúde	1
Social Media / Web / Web Content	1
Tecnologia e Marketing digital	1

Assim como no relatório nacional, há um predomínio de profissionais oriundos de universidades privadas (51,6%). Porém, a quantidade de jornalistas que saíram de universidades federais é bem maior que a média nacional. Enquanto no Brasil 33,4% estudaram em

instituições federais, no Centro-Oeste foram 49,2%. Há ainda quem tenha estudado em instituições estaduais (5,6%), confessionais (0,8%) e comunitárias (0,4%).

Tabela 11 - Você cursou ou está cursando que tipo de universidade/faculdade?

	Frequência	Porcentagem válida
Federal	247	49,2
Privada	259	51,6
Comunitária ou similar	2	0,4
Estadual	28	5,6
Confessional	4	0,8
Total de respondentes válidos	502	100,0
Total de respostas	1042	

A pergunta sobre estágio em jornalismo indica que essa etapa da vida profissional faz parte da trajetória da maioria dos jornalistas. O dado também pode ser fortemente influenciado pela obrigatoriedade do estágio curricular nas graduações em Jornalismo. No Centro-Oeste, 77,6% dos profissionais já foram estagiários e 4,6% ainda estão realizando estágio. Apenas 17,7% não estagiaram.

Tabela 12 - Você foi estagiária (o) de jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	88	17,7
Sim, já fui	385	77,6
Sim, sou estagiária (o) atualmente	23	4,6
Total	496	100,0



Assim como na média nacional, a grande maioria dos jornalistas do Centro-Oeste nunca participou de um programa de *trainee* (86,5%). Apenas 13,3% participaram e um profissional participa atualmente dessa modalidade.

Tabela 13 - Você fez trainee em jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	429	86,5
Sim, já fui	66	13,3
Sim, sou trainee atualmente	1	0,2
Total	496	100,0

Há um número significativo de jornalistas que trabalha ou trabalhou apenas um ano (5,8%) e entre um período de dois a cinco anos (17,3%). Isso indica, assim como na média nacional, que há uma quantidade de jornalistas com pouco tempo de profissão no Centro-Oeste ou que esses profissionais ficaram um tempo, mas não conseguiram se fixar no jornalismo. A maioria, entretanto, está na faixa de 11 a 15 anos (20,3%) de dedicação profissional, seguida dos profissionais que estão com seis a 10 anos (18,7%) de trabalho. A quarta faixa de idade em quantidade de profissionais é de 31 anos ou mais (12%). Há ainda os jornalistas na faixa de 16 a 20 anos (11,4%), 21 a 25 anos (7,6%) e 26 a 30 anos (6,2). Apenas 0,8% dos profissionais responderam que são docentes na área, mas nunca atuaram como jornalistas.

Tabela 14 - Por quanto tempo trabalha ou trabalhou como jornalista?
(Anos completos)

	Frequência	Porcentagem válida
Até 1 ano	29	5,8
De 2 a 5 anos	87	17,3

Entre 6 e 10 anos	94	18,7
De 11 a 15 anos	102	20,3
Entre 16 e 20 anos	57	11,4
De 21 a 25 anos	38	7,6
Entre 26 a 30 anos	31	6,2
31 anos ou mais	60	12,0
Sou docente na área, mas nunca atuei como jornalista	4	0,8
Total	502	100,0

No Centro-Oeste, a maioria dos jornalistas teve dois a cinco vínculos profissionais diferentes (54,2%) em algum momento da carreira de jornalista e/ou de docente. Nessa questão foram considerados como vínculo profissional empregos com carteira assinada, *freelancers* ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes. Outros profissionais (26,9%) possuíram de 6 a 10 vínculos. Houve ainda quem tivesse de 11 a 15 vínculos (7,2%), 16 a 20 (1,6%) e mais de 20 (2,6%). Na região também foram registradas cinco pessoas que nunca tiveram nenhum vínculo profissional.

Tabela 15 - Ao longo da sua carreira profissional, quantos vínculos profissionais diferentes você já teve como jornalista e/ou docente (incluindo empregos com carteira assinada, *freelancers* ou contratos de PJ/MEI, concomitantes ou subsequentes)?

	Frequência	Porcentagem válida
1	33	6,6
2 a 5	272	54,2
6 a 10	135	26,9



11 a 15	36	7,2
16 a 20	8	1,6
Mais de 20	13	2,6
Nenhum	5	1,0
Total	502	100,0

A grande maioria dos respondentes atua como jornalista (90%), um número bastante superior à média nacional que é de 68,2%. Há uma diferença também, em comparação ao dado nacional, com a pergunta sobre mudança de área profissional. Na pesquisa nacional, 9,1% dos jornalistas responderam que mudaram de área. No Centro-Oeste, apenas uma pessoa mudou e a área citada foi assessoria de imprensa, o que, para muitos profissionais e para a própria Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), é um segmento do jornalismo e não uma área diferente.

É possível que essa seja a justificativa para um número tão alto de pessoas que responderam que atuam como jornalistas no Centro-Oeste. Ou seja, no momento de responder à pergunta, profissionais de assessoria de imprensa que se identificam como jornalistas - e não com uma outra profissão - marcaram a opção "sim, sou jornalista". Houve ainda registro de docente de jornalismo/comunicação (5%) e estudante que faz estágio ou *trainee* (4,8%).

Tabela 16 - Atualmente, você trabalha como jornalista ou como professor (a) de jornalismo ou comunicação?

	Frequência	Porcentagem válida
Mudei para outra área profissional. Qual?	1	0,2
Sim, sou jornalista	452	90,0
Sim, sou docente de jornalismo/comunicação	25	5,0
Sou estudante e faço estágio ou trainee	24	4,8
Total	502	100,0

A predominância de vínculo empregatício ainda é carteira assinada (CLT), com 42,6%. Em seguida, aparecem os servidores públicos, com 17,5%. O número é maior que a média nacional, de 10,5%, possivelmente por causa de Brasília, já que a capital federal concentra uma quantidade significativa de servidores públicos. Pelo mesmo motivo, ao contrário do que foi observado no relatório nacional, o número de cargos comissionados no Centro-Oeste (9,2%) é maior do que o de Microempreendedores Individuais (MEI) (6%). Nacionalmente, 6,4% dos respondentes são do primeiro grupo e 8,9%, do segundo. Depois dos MEIs, na região Centro-Oeste, estão as pessoas que trabalham como pessoa jurídica (5%), seguido dos *freelancers* (4,6%), dono ou sócio de empresa com funcionários (3,2%) e que têm contratos públicos temporários (3%) ou de prestação de serviços (2,8%).

Dessa forma, o Centro-Oeste apresenta uma melhor estabilidade profissional para o jornalista, quando comparado ao quadro nacional, já que 60,1% dos jornalistas conseguem ter vínculos mais permanentes que garantem direitos e benefícios, como CLT e serviço público. Ainda assim, os traços de instabilidade e de vínculos temporários aparecem, como no cenário nacional.

Tabela 17 - Qual é o tipo de vínculo empregatício em seu trabalho principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	13	2,6
Carteira assinada (CLT)	214	42,6
Carteira assinada com redução de salário	2	0,4
Servidor(a) público(a)	88	17,5
Cargo comissionado	46	9,2
Freelancer	23	4,6
Prestação de Serviço sem contrato firmado	11	2,2
Contrato por hora/aula	3	0,6
Contrato público temporário	15	3,0
Contrato de prestação de serviços	14	2,8



Dono (a) ou sócio(a) de empresa com funcionários	16	3,2
Trabalho como pessoa jurídica (PJ) (sem funcionários ou sócios)	25	5,0
Sou MEI (Microempreendedor (a) Individual)	30	6,0
Bolsista ou similar decorrente de programas públicos de incentivo à docência	2	0,4
Total	502	100,0

Tabela 17.1 - Outra. Qual?

	Frequência
Bolsista Estagiário na Secretaria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás	1
Contrato com organismo internacional	1
Contrato de consultoria com organismo internacional	1
Contrato de estágio	1
Contrato de estágio - Termo de Compromisso	1
Contrato de parceria	1
Estagiária	2
Estágio	4
Sócio cotista	1

A questão também permitiu que o respondente indicasse outros vínculos, diferentes dos listados na pesquisa. Porém, os números não foram suficientes para analisar em termos percentuais (Tabela 17.1). A maioria dos vínculos citados foram de estágio.

Quanto à renda, a média mais citada no Centro-Oeste foi entre R\$ 5.501 a R\$ 11.000

(32,5%). Essa também foi a renda média mais citada na pesquisa nacional, mas com percentual menor que o da região (27,1%). Em seguida estão os jornalistas com faixa salarial entre R\$ 11001 e 22000 (15,7%), contrariando os dados nacionais que, nessa faixa, contam com apenas 9,8% dos jornalistas. Além disso, no Centro-Oeste, há 4,2% dos jornalistas que recebem acima de R\$ 22.001. Os dados registraram também faixas salariais mais baixas: até R\$ 1.100 (4,8%), de R\$ 1.101 a 2.200 (7%), de 2.201 a 3.300 (10,8%), R\$ 3.301 a 4.400 (11%) e R\$ 4.401 a 5.500 (12,2%). Entretanto, em comparação à média nacional, o Centro-Oeste apresenta jornalistas com melhores remunerações, possivelmente em virtude do peso do serviço público na composição da categoria.

Tabela 18 - Qual a sua renda bruta mensal proveniente do trabalho como jornalista ou docente em jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
Sem renda	4	0,8
Até R\$ 1.100	24	4,8
De R\$ 1.101 a R\$ 2.200	35	7,0
De R\$ 2.201 a R\$ 3.300	54	10,8
De R\$ 3.301 a R\$ 4.400	55	11,0
De R\$ 4.401 a R\$ 5.500	61	12,2
De R\$ 5.501 a R\$ 11.000	163	32,5
De R\$ 11.001 a R\$ 22.000	79	15,7
Acima de R\$ 22.001	21	4,2
Não quero informar	6	1,2
Total	502	100,0

Apesar de 52,4% dos jornalistas estarem nas faixas salariais mais altas, somente 45% considera a remuneração líquida mensal suficiente para arcar com as suas despesas mensais.



Do total, 21,3% disseram que às vezes essa remuneração é suficiente. Outros 12,9% afirmaram que sempre ficam devendo. O percentual, inclusive, é maior do que a média nacional dos que sempre ficam devendo, que é de 11,1%. Isso pode indicar uma desvalorização salarial em virtude da perda do poder de compra causado pela inflação, que se torna ainda mais evidente em cidades com alto custo de vida, como Brasília. Além disso, como é uma região que conta com muitos servidores públicos, os salários podem não ter acompanhado os reajustes necessários para superar a inflação.

Tabela 19 - Sua remuneração líquida mensal é suficiente para sempre arcar com suas despesas mensais?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	226	45,0
Às vezes	107	21,3
Não, fico sempre devendo	65	12,9
Não, mas me viro com trabalhos extras	41	8,2
Não, mas tenho apoio de companheira (o)	32	6,4
Não, mas recebo suporte dos meus pais	25	5,0
Não, mas conto com ajuda de outras pessoas	6	1,2
Total	502	100,0

Os jornalistas do Centro-Oeste recebem mais benefícios do que a média dos jornalistas brasileiros. Enquanto nos dados nacionais, a maioria registrou ter plano de saúde (37,9%) e logo em seguida está o grupo dos que não recebem nenhum benefício (35,8%), no Centro-Oeste, a maioria, correspondente a 41,6%, tem plano de saúde, seguida daqueles que recebem vale ou auxílio alimentação (40,4%) e só depois vêm os que não recebem nenhum tipo de benefício, com 28,7%. Mais uma vez esses números podem ter relação com a presença de servidores públicos no grupo participante da pesquisa.

Tabela 20 - Você recebe algum tipo de benefício ou suporte vinculado a sua ocupação principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Plano de saúde	209	41,6
Auxílio saúde	38	7,6
Vale (ou auxílio) alimentação	203	40,4
Vale (ou auxílio) refeição	81	16,1
Vale (ou auxílio) transporte	70	13,9
Auxílio creche	29	5,8
Plano de previdência complementar	37	7,4
Participação nos lucros ou resultados	41	8,2
Incentivo à qualificação (cursos, treinamentos fora da empresa)	71	14,1
Equipamento de proteção individual compatível com o grau de risco de sua atividade	17	3,4
Apoio jurídico	17	3,4
Apoio psicoterápico	25	5,0
Treinamentos in-company relacionados à atividade que desempenha ou outras relevantes	41	8,2
Nenhum	144	28,7
Outro. Qual?	14	2,8
Respondentes válidos	502	100,0
Total de respostas	1539	



Tabela 20.1 - Outro. Qual?

	Frequência
Adicional financeiro para conclusão de especialização, mestrado e doutorado	1
Aposentadoria por tempo de serviço	1
Auxílio funeral e seguro de vida	1
Auxílio para formação acadêmica	1
Bolsa apoio pedagógico da UFG	1
Bolsa de estudo para os filhos	1
Bônus esporádicos	1
Farmácia	1
Incentivo educacional	1
INSS	1
Plano odontológico	1
Retribuição por ocupar cargo de gestão (coordenador de curso)	1
Seguro de vida	1
Seguro de vida e assistência odontológica	1

A maioria dos jornalistas do Centro-Oeste ingressaram no trabalho atual por meio de processo seletivo realizado pelo contratante (26,7%). Em seguida, estão aqueles contratados via concurso público (17,9%), os que foram contratados por meio de indicação de amigo ou colega (17,3%) e os que foram convidados (14,9%). Assim como nos outros quesitos já citados, o percentual de pessoas que ingressaram via concurso público é maior do que a média nacional, que é de 10,5%. Esse percentual acima da média nacional pode estar diretamente associado ao fato de o Distrito Federal ter uma maior oferta de concursos públicos.

Assim como na pesquisa nacional, é possível dividir os jornalistas em três grupos genéricos: os que passaram por processos seletivos (incluindo o *trainee*, concursos e seleção

por empresa terceirizada); aqueles que foram convidados, indicados ou são da família; e os empreendedores (prestadores de serviço, *freelancer*, voluntários e empresários). O primeiro grupo corresponde a 52,6%, o segundo grupo a 37,4% e o terceiro a 9,4%. Assim como na pesquisa nacional, a distribuição ressalta o caráter empresarial dos veículos de comunicação e a valorização da técnica, além de demonstrar também o peso do concurso público na contratação de jornalistas. Por outro lado, aponta ainda para a existência da contratação mais informal por afinidade ou por indicação.

Tabela 21 - Como você ingressou em seu trabalho atual?
(Considere sua ocupação principal)

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	3	0,6
Concurso público	90	17,9
Processo seletivo realizado pelo contratante	134	26,7
Seleção por empresa de recrutamento	14	2,8
Em continuação a estágio ou trainee	26	5,2
Indicação de amigo ou colega	87	17,3
Foi convidada (o)	75	14,9
Contratação como prestador (a) de serviços	15	3,0
Abriu uma empresa	23	4,6
Ingressou em uma iniciativa independente/alternativa de jornalismo	9	1,8
Cargo de confiança em órgão público	26	5,2
Total	502	100,0



Tabela 21.1 - Outro. Qual?

	Frequência
Abriu uma vaga e fui chamado	1
Ascensão	1
Concurso e networking	1

Na pergunta sobre a sua área de atuação na ocupação principal, a maioria (53,4%) indicou trabalhar na mídia, ou seja, nos veículos de comunicação de grande, médio e pequeno porte. Em seguida, 42% afirmaram trabalhar fora da mídia, em outras atividades, como assessoria de imprensa ou comunicação e produtores de conteúdo para mídias digitais. Esse número é maior que a média nacional, de 34,9%, possivelmente também em virtude da atuação em assessorias de órgãos e empresas públicas. Por último, 4,6% dos jornalistas disseram atuar na docência com formação superior de outros jornalistas ou outras áreas de conhecimento.

Tabela 22 - Em sua ocupação principal, qual sua área de atuação?

	Frequência	Porcentagem válida
Mídia (imprensa, veículos de comunicação, arranjos alternativos de mídia/mídia independente, startup jornalística)	268	53,4
Docência (formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	23	4,6
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação, produtoras de conteúdo para mídias digitais)	211	42,0
Total	502	100,0

3. O TRABALHO DOS JORNALISTAS NA MÍDIA, FORA DA MÍDIA E NA DOCÊNCIA NO CENTRO-OESTE

3.1 O trabalho dos jornalistas na mídia

Dentro do bloco de perguntas específico para jornalistas que trabalham na mídia do Centro-Oeste (Tabela 23), quase 60% responderam que atuam em mídia online, evidenciando o papel central do digital como suporte do jornalismo e aumento da inserção de jornalistas no mercado de trabalho na atualidade. O questionário permitia assinalar mais de uma resposta para a pergunta que busca identificar em que mídia(s) o jornalista atua. Assim, os dados apontam que além dos já mencionados 59,7% jornalistas que atuam na mídia online, 25,5% atuam em TV; 18,3% em jornal; 14,8% em rádio; 11,8% em outras mídias; 10,3% em agência de notícia; e 2,3% em revista. Foram consideradas 263 respostas válidas.

Observamos que a radiodifusão (TV e rádio) concentra 40,3% dos jornalistas da região Centro-Oeste e que mídias impressas como jornal e revista incorporam, juntas, 20,6% da força de trabalho. Destacamos, ainda, que o número de jornalistas que trabalham em agências de notícias é 4,5 vezes maior que o número de jornalistas que atuam em revista. Esse dado parece corroborar a percepção compartilhada entre pesquisadores/as e jornalistas de que o declínio de postos de trabalho em mídias impressas no cenário nacional é, em certa medida, reproduzido na região Centro-Oeste.

Na região Centro-Oeste, 14,8% dos jornalistas atuam em rádio. Essa porcentagem é próxima dos 11,8% que atuam em outras mídias e dos 10,3% que atuam em agências de notícias.

Tabela 23 - Você trabalha atualmente em que tipo de mídia(s)?

	Frequência	Porcentagem válida
TV	67	25,5
Rádio	39	14,8



Online	157	59,7
Jornal	48	18,3
Revista	6	2,3
Agência de notícia	27	10,3
Outra. Qual?	31	11,8
Total respostas válidas	263	100,0
Total de respostas	638	

Das 31 respostas que assinalaram outra mídia, 19 jornalistas apontaram trabalhar em assessorias de imprensa, de comunicação, em assessorias em órgãos públicos e outras variações, já que a opção “Outra” abria a possibilidade para escrever “Qual”. Nesse ponto, chamamos atenção para o fato de que esses respondentes parecem ter se equivocado apontando como suporte (mídia) uma atividade profissional desenvolvida “fora da mídia”, categoria que classificamos nessa pesquisa como “jornalistas que atuam fora da mídia” para o qual essa pergunta não se aplicava. Outras ocorrências, com menor incidência, também aparecem, como: consultor político e de comunicação, sindicato, universidade, secretaria de comunicação e anuário. Identificamos, ainda, outras nomenclaturas como “blog”, “site” e “redes sociais” - que poderiam se enquadrar na mídia online, mas que por alguma razão, não foram inseridos na categoria de mídia digital -, indicando, eventualmente, a necessidade de incorporar em futuras pesquisas, uma descrição do que cada mídia contempla enquanto categoria.

Tabela 23.1 - Outra área? Qual?

	Frequência
Anuário	1
Assessoria	1
Assessoria	3

Assessoria de comunicação	1
Assessoria de comunicação	1
Assessoria de Comunicação	1
Assessoria de Comunicação de órgão estatal	1
Assessoria de Comunicação em órgão público	1
Assessoria de imprensa	5
Assessoria de Imprensa	4
Assessoria de Imprensa no Congresso	1
Blog	1
Comunicação Institucional Setor Público	1
Consultor político.	1
Consultoria de comunicação	1
Redes sociais	1
Secretaria de Comunicação	1
Sindicato	1
Site	2
Tecnologia	1
Universidade	1

Quanto ao perfil das instituições de mídia para as quais os jornalistas da região Centro-Oeste (Tabela 24) trabalham, o resultado apresentou que 32,7% atua em empresa privada com atuação nacional; 27,4% em instituição pública; 19% em empresa privada com atuação regional; 3,4% em instituições do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.); 2,7% em iniciativa de jornalismo independente nacional; 2,3% em empresa privada com atuação internacional; 1,5% em iniciativa de jornalismo independente internacional; 1,5% em outras



instituições (empresa pública, instituição pública internacional e sindicato). A mesma porcentagem se repete em iniciativa de jornalismo independente regional e local, com 1,1% cada.

Em relação ao perfil da instituição, identificamos uma concentração regional maior em empresas privadas, uma vez que 51,7% que, se somados aos 2,3% de instituições privadas internacionais, totalizam 54% da absorção da força de trabalho dos jornalistas, evidenciando que o setor privado concentra o maior número de jornalistas na região Centro-Oeste. Em que pese o fato de o Distrito Federal integrar a região e concentrar órgãos públicos, identificamos que 27,4% dos jornalistas atuam em instituições públicas e que na região, 6,4% dos jornalistas trabalham em instituições de jornalismo independente (internacional, nacional, regional ou local), representando, portanto, um número bastante minoritário em relação à iniciativa privada e pública que, somadas, acumulam 81,4% de trabalhadores e trabalhadoras jornalistas nessa região.

Tabela 24 – Como você caracteriza o perfil da instituição para a qual você trabalha? (Considere sua ocupação principal)

	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	4	1,5
Empresa privada com atuação internacional	6	2,3
Empresa privada com atuação nacional	86	32,7
Empresa privada com atuação regional	50	19,0
Empresa privada com atuação local	19	7,2
Iniciativa de jornalismo independente internacional	4	1,5
Iniciativa de jornalismo independente nacional	7	2,7
Iniciativa de jornalismo independente regional	3	1,1
Iniciativa de jornalismo independente local	3	1,1

Instituição pública	72	27,4
Instituição do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.)	9	3,4
Total	263	100,0

Tabela 24.1 – Outra? Qual?

	Frequência
	498
Empresa pública	1
Instituição pública internacional	1
Sindicato	2

Para compreender e dimensionar o tamanho das equipes, a divisão do trabalho e a especialização dos jornalistas que atuam na região Centro-Oeste (Tabela 25), os participantes selecionaram a quantidade de jornalistas com os quais trabalham. O resultado encontrado foi que o grupo mais representativo, com 21,7%, são de profissionais que fazem parte de equipes muito pequenas, com 2 a 4 jornalistas, seguido por jornalistas que atuam em equipes de 5 a 10 jornalistas, com 20,9%. Com a mesma porcentagem, 20,9%, estão os que trabalham em equipes grandes, com mais de 51 jornalistas. Há um outro grupo com 15,2% que atua em equipes integradas por 21 a 50 jornalistas. Se considerarmos as duas últimas faixas, identificamos que 36,1% dos jornalistas participantes trabalham em equipes maiores. Destacamos que 10,3% dos jornalistas não contam com apoio de outros jornalistas para realização do seu trabalho e, portanto, integram o grupo de jornalistas solo. Há um outro grupo, correspondente a 11% que atua em equipes médias, com 11 a 20 jornalistas.



Tabela 25 – Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
Só você	27	10,3
De 2 a 4	57	21,7
De 5 a 10	55	20,9
De 11 a 20	29	11,0
De 21 a 50	40	15,2
Acima de 51	55	20,9
Total	263	100,0

Realçamos o fato de que, embora exista um grupo majoritário de respondentes que integra equipes muito pequenas, com 21,7%, há dois grupos - com mais de 51 jornalistas e com 21 a 50 jornalistas, respectivamente - responsável por 36,1% dos entrevistados que atuam em redações maiores, demonstrando que esses espaços ainda são extremamente relevantes dentro da configuração do mercado de trabalho na região. Chamamos atenção, ainda, para os 10,3% dos jornalistas que atuam sozinhos, podendo representar um grupo com concentração de tarefas ou o que os pesquisadores denominam como multitarefas. Acrescentamos que o trabalho do jornalista solo pode ser um fator impeditivo para a troca de experiências, ideias, opiniões e impressões sobre o fazer jornalístico, podendo implicar nas condições de aperfeiçoamento de tais profissionais, dada uma possível ausência de trocas de experiências, ideias e opiniões sobre o fazer jornalístico.

Os respondentes tinham a opção de classificar suas funções entre dezesseis categorias (Tabela 26): repórter, repórter fotográfico (a), repórter cinematográfico (a), editor (a) (inclui editor (a) executivo e editor (a) assistente), chefe de redação, consultor, colunista, correspondente, editorialista, diagramador, âncora, produtor (a), diretor (a)/gestor (a), coordenador (a), gestor (a) de redes sociais. Um pouco mais da metade, 51% afirmou desempenhar a função de repórter, seguido por 15,2% na função de editor (a); 5,7% na função de produtor

(a); 4,9% diretor (a)/gestor (a) de redes sociais; 4,2% coordenador; 3,4% chefe de redação; 1,5% âncora; 1,1% consultor (a); 1,1% colunista; com 0,8% cada, estão as funções de repórter fotográfico (a), correspondente e editorialista; 0,4%, cada, estão como diagramador e repórter cinematográfico (a).

Tabela 26 – Qual é a sua função?

	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	16	6,1
Repórter	134	51,0
Repórter fotográfica (o)	2	0,8
Repórter cinematográfica (o)	1	0,4
Editor (a) (inclui editor (a) executivo (a) e editor (a) assistente)	40	15,2
Chefe de redação	9	3,4
Consultor (a)	3	1,1
Colunista	3	1,1
Correspondente	2	0,8
Editorialista	2	0,8
Diagramador	1	0,4
Âncora	4	1,5
Produtor (a)	15	5,7
Diretor (a)/Gestor (a)	13	4,9
Coordenador(a)	11	4,2
Gestor (a) de redes sociais	7	2,7
Total	263	100,0



Tabela 26.1 – Outra. Qual?

	Frequência
Analista de Comunicação	1
Analista de comunicação, editor, fotógrafo e videomaker	1
Assessor de Comunicação	1
Assessor de Imprensa	1
Assessoria de Imprensa	1
Chefe de reportagem	1
Consultoria de comunicação estratégica	1
Editor de texto	1
Editor-chefe	2
Estagiária	1
Estagiária de produção	1
Gerente	1
Gerente de jornalismo	1
Redator, repórter fotográfico, gestor de mídia (apenas site)	1
Switer	1

A opção “Outra” corresponde a 6,1% e teve menção das seguintes funções: analista de comunicação; analista de comunicação, editor, fotógrafo e videomaker; assessor de imprensa; assessor de comunicação; chefe de reportagem; consultoria de comunicação estratégica; editor de texto; editor-chefe; estagiária; estagiária de produção; gerente; gerente de jornalismo; redator, repórter fotográfico, gestor de mídia (apenas site); e, switcher. Identificamos que dois respondentes marcaram mais de uma função, indicando a atuação em várias frentes de trabalho. Embora pouco representativa, esses dois respondentes apontam para a necessidade de pensarmos sobre o acúmulo de funções no jornalismo, já que 93,9%

dos respondentes que escolheram uma das dezesseis funções presentes na pesquisa, podem também realizar mais de uma função, mas eventualmente, consideraram assinalar apenas a função que consideraram mais relevante.

Considerando o grupo de jornalistas que trabalha na mídia, questionamos sobre quais atividades eles desenvolvem em um dia normal de trabalho (Tabela 27). Essa era uma das perguntas do questionário que permitia a seleção de mais de uma resposta simultaneamente, proporcionando um número de respostas maior do que 100% dos respondentes. Neste caso específico, a diferença entre o número de respostas e o de respondentes foi muito notável, com mais de três vezes o número de respostas em relação ao número de respondentes, podendo ser um indicador de provável acúmulo de atividades entre trabalhadores jornalistas na mídia. Nessa pergunta se destacam três atividades realizadas pela maioria desse grupo: 73% desenvolvem reportagem; 59,7% pauta e produção; e 49,8% realizam edição. Destacamos que em gestão e coordenação de equipes e chefia de redação concentram-se 30,8% dos jornalistas que atuam na mídia, respectivamente, 19% e 11,8%. Chamamos atenção para os 19% dos jornalistas que desenvolvem atividades de gestão e produção de conteúdo para redes sociais, evidenciando a participação de jornalistas em atividades digitais, um mercado em ascensão no Brasil e na região Centro-Oeste, conforme apontamento de pesquisadores e relatórios de mídia.

Tabela 27 – Quais atividades você desenvolve em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Reportagem	192	73,0
Edição	131	49,8
Pauta / produção	157	59,7
Fotografia	37	14,1
Cinegrafia (captação de vídeo)	17	6,5
Diagramação / Design gráfico	14	5,3
Assessoria de imprensa	52	19,8



Gestão / Coordenação (de equipes)	50	19,0
Apresentação / Locução	40	15,2
Chefia de redação	31	11,8
Gestão / Produção de conteúdo para redes sociais	50	19,0
Planejamento de projetos editoriais	32	12,2
Atividades administrativas	38	14,4
Comunicação interna	40	15,2
Outra(s). Qual(is)?	10	3,8
Total de respondentes válidos	263	100,0
Total de respostas	891	

3.2. O trabalho dos jornalistas em docência na região Centro-Oeste

A quase totalidade dos/as jornalistas que trabalham como professores/as estão vinculados/as a departamentos/cursos de Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, representando 91,3%, e/ou outros departamentos de Comunicação Social, como Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV, com 26,1%. É importante destacar que se levou em consideração a possível atuação em mais de uma área de conhecimento e a vinculação a mais de um departamento/curso, registrando-se uma porcentagem total de mais de 100% e um quantitativo de 39% de jornalistas professores/as marcando mais de uma opção nesta questão. A área de Ciências Humanas concentra 8,7% dos jornalistas docentes. Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas, exceto Comunicação e Jornalismo, concentram, cada uma, 4,3% conforme Tabela 28.

Tabela 28 – Em que área do conhecimento você atua como professor (a) atualmente?

	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo	21	91,3
Outros departamentos de Comunicação Social (Publicidade, Relações Públicas, Rádio e TV etc)	6	26,1
Ciências Sociais Aplicadas (exceto comunicação ou Jornalismo)	1	4,3
Ciências Humanas	2	8,7
Linguística, Letras e Artes	1	4,3
Outra. Qual?	1	4,3
Total de respondentes válidos	23	100,0
Total de respostas	32	

Tabela 28.1 – Outra. Qual?

	Frequência
Educação Profissional	1

Em relação ao tempo de atuação como professor/a de jornalismo (Tabela 29), a maior parte, 30,4% dos/as jornalistas professores/as, trabalha de 11 a 15 anos como docente e 21,7% atuam na docência de 16 a 20 anos, concentrando 52,1% de jornalistas que se dedicam ao ensino. Há um dado relevante que é o do grupo de jornalistas que se dedica há mais de 30 anos a atividades de ensino, representando 8,7%. Essa mesma porcentagem, 8,7%, representa o grupo de jornalistas que atua como professor entre 4 e 6 anos. Três grupos representam, cada um, 4,3%: o de jornalistas docentes com 1 a 3 anos de atuação; com



21 a 25 anos; e com 26 a 30 anos de atuação no ensino.

Tabela 29 – Por quanto tempo você trabalha como professor (a) de jornalismo?

	Frequência	Porcentagem válida
1 a 3 anos	1	4,3
4 a 6 anos	2	8,7
7 a 10 anos	4	17,4
11 a 15 anos	7	30,4
16 a 20 anos	5	21,7
21 a 25 anos	1	4,3
26 a 30 anos	1	4,3
Mais de 30 anos	2	8,7
Total	23	100,0

A Tabela 30 evidencia que os/as jornalistas professores/as trabalham, em sua maioria, com 5 a 20 docentes graduados em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo, representando 60,9%. No grupo de docentes jornalistas que atuam com outros professores graduados em Jornalismo, 17,4% atuam com 11 a 20 professores e 13% trabalham com 21 a 50 professores de jornalismo graduados em Jornalismo. As opções “só você” e “ninguém, incluindo eu” representaram, cada uma, 4,3%.

Tabela 30 – Quantas (os) professores graduadas (os) em Jornalismo ou com habilitação em Jornalismo trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
Só você	1	4,3

De 5 a 10	14	60,9
De 11 a 20	4	17,4
De 21 a 50	3	13,0
Ninguém, incluindo eu	1	4,3
Total	23	100,0

Na região Centro-Oeste, a maior parte dos jornalistas docentes trabalha em universidades federais, seguidos por centros de ensino superior privados e universidades privadas (Tabela 31).

Tabela 31 – Em que tipo de instituição de ensino superior você trabalha?

	Frequência	Porcentagem válida
Universidade Federal	11	47,8
Universidade de Iniciativa Privada	4	17,3
Universidade Comunitária ou similar	3	13,0
Universidade Estadual	2	8,7
Universidade Confessional	1	4,3
Faculdade de Iniciativa Privada	1	4,3
Centro de Ensino Superior Privado	5	21,7
Outra. Qual?	1	4,3
Total de respondentes válidos	23	100,0
Total de respostas	28	



Tabela 31.1 – Outra. Qual?

	Frequência
Educação Profissional	1

A grande maioria dos/as jornalistas docentes da região Centro-Oeste, 56,5%, não atua na pós-graduação *stricto sensu* (Tabela 32). Aqueles que atuam estão majoritariamente em cursos na área de Comunicação, representando 39,1%. Os outros grupos de docentes estão vinculados à pós-graduação *stricto sensu* nas Ciências Humanas, outras áreas do conhecimento e em cursos de Jornalismo, representando cada uma, 4,3% dos professores docentes que estão vinculados à pós-graduação *stricto sensu*.

Tabela 32 – Você está vinculada (o) como docente à pós-graduação *stricto sensu*?

	Frequência	Porcentagem válida
Não	13	56,5
Sim, em Jornalismo	1	4,3
Sim, na área da Comunicação	9	39,1
Sim, nas Ciências Humanas	1	4,3
Sim, em outra (s) área (s) do conhecimento. Qual (is)?	1	4,3
Total de respondentes válidos	23	100,0
Total de respostas	25	

Tabela 32.1 - Qual(is)?

	Frequência
PPG de Educação	1

3.3 Jornalistas que atuam fora da mídia

Considerando o universo de jornalistas que atuam fora da mídia na região Centro-Oeste (Tabela 33), buscamos identificar qual é o ramo de atuação em que o respondente exerce sua atividade principal. Desses que atuam fora da mídia, identificamos que 56% trabalham em assessorias de imprensa; 18,4% atuam em empresas ou órgãos públicos; 7,2% em agências de comunicação; 6,8% atuam em organizações do terceiro setor ou da sociedade civil; 4,8% em outras instituições privadas; e, 4,3% assinalaram a opção "Outro", para a qual responderam que atuavam em coordenação de comunicação de mandato de deputado federal; empreendedor; empresa pública alemã com representação no Brasil; Organização das Nações Unidas; organismos internacionais; ouvidoria; sites próprios e consultorias de comunicação; e como terceirizada para assessoria de comunicação de órgão público.

Tabela 33 – Em que ramo de atuação você exerce sua atividade principal?

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	9	4,3
Assessoria de imprensa	116	56,0
Agência de comunicação	15	7,2
Agência de publicidade	5	2,4
Outras instituições privadas	10	4,8
Empresas ou órgãos públicos	38	18,4
Organizações do terceiro setor ou da sociedade civil	14	6,8
Total	207	100,0

Com o objetivo de compreender esse contexto, perguntamos como o respondente caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha e exerce sua ocupação principal (Tabela 34). Nessa pergunta, identificamos que os jornalistas que estão fora da mídia atuam majoritariamente em instituições públicas federais e estaduais, respectivamente, 26,6% e 24,2%,



totalizando 50,8% do total de respondentes. Em empresas privadas de médio e grande porte, a porcentagem é, respectivamente, 11,6% e 8,2%, totalizando 19,8%. Em empresas privadas de pequeno porte, estão 8,7% dos respondentes. As demais respostas foram dos que atuam em instituição pública municipal, com 6,3%; instituição de propriedade mista (público-privada) e microempresa privada, sendo cada uma com 4,8% dos respondentes; e microempreendedor (a) individual e instituição pública internacional, sendo cada uma com 2,4% dos respondentes.

Tabela 34 – Como você caracteriza o perfil da instituição na qual trabalha?
(Considere sua ocupação principal)

	Frequência	Porcentagem válida
Microempreendedor (a) Individual	5	2,4
Microempresa privada	10	4,8
Pequena empresa privada	18	8,7
Média empresa privada	24	11,6
Grande empresa privada	17	8,2
Instituição pública municipal	13	6,3
Instituição pública estadual	50	24,2
Instituição pública federal	55	26,6
Instituição pública internacional	5	2,4
Propriedade mista (público-privada)	10	4,8
Total	207	100,0

Depreendemos desse contexto que a maioria dos jornalistas que atua fora da mídia trabalha em instituições públicas, em diferentes níveis: municipal, estadual, federal e internacional. Essas instituições são responsáveis pela empregabilidade de 59,9% dos respondentes que atuam no Centro-Oeste. Desses que atuam em órgãos públicos, identificamos

que a maioria trabalha no poder Executivo (48,3%), seguido pelo poder Legislativo (20,8%) e Judiciário (11,7%) conforme Tabela 35. Há uma porcentagem significativa (15,8%) dos que assinalaram a opção “Outro” e, nesses, incluem-se aqueles jornalistas que estão fora da mídia no Centro-Oeste e que atuam em agências reguladoras, autarquias, conselhos, defensorias, sindicatos e universidades.

Tabela 35 – Se você atua em órgão público, por favor, indique qual poder.

	Frequência	Porcentagem válida
Outro (especifique)	19	15,8
Legislativo	25	20,8
Executivo	58	48,3
Judiciário	14	11,7
Ministério Público	4	3,3
Total	120	100,0

A grande maioria (42,5%) dos jornalistas que está fora da mídia no Centro-Oeste trabalha em equipes pequenas, com 2 a 4 integrantes, seguido por um segundo grupo que atua sozinho (31,4%) e pelos que trabalham com equipes maiores com 5 a 10 integrantes (18,4%). Dois grupos menores atuam com equipes mais robustas e numerosas, respectivamente, 11 a 20 pessoas (5,8%) e 21 a 50 pessoas (1,9%). Essa informação está disponível na Tabela 36.

Tabela 36 – Quantas (os) jornalistas trabalham com você?

	Frequência	Porcentagem válida
Só você	65	31,4
De 2 a 4	88	42,5
De 5 a 10	38	18,4
De 11 a 20	12	5,8



De 21 a 50	4	1,9
Total	207	100,0

Mais da metade dos jornalistas que atuam fora da mídia no Centro-Oeste desenvolvem função de assessoria de imprensa ou comunicação (51,2%), sendo que o segundo maior grupo é o de produtor (a) de conteúdo (13%), seguido por gestor (a) de área e/ou de comunicação (12,6%) conforme Tabela 37. A opção “Outra”, relativa à função desenvolvida, registrou 5,8% das respostas e, nela, há uma variedade significativa de funções descritas pelos respondentes, entre elas analista, assessor (a) de comunicação, consultor (a) de comunicação, entre outros. Destacamos o fato de que alguns respondentes indicaram somente na opção “Outra” (Tabela 37.1) a função de assessoria, sendo que essa era uma opção disponível entre as respostas.

Tabela 37 – Qual é a sua função?

	Frequência	Porcentagem válida
Outra. Qual?	12	5,8
Assessor (a) de imprensa/comunicação (atendimento)	106	51,2
Produtor (a) de conteúdo	27	13,0
Gestor (a) de área e/ou de comunicação	26	12,6
Sócia (o) ou sócio (a)-diretor (a)	5	2,4
Consultor (a)	3	1,4
Gestor (a) de conteúdos	4	1,9
Gerente/coordenador (a) de projetos	4	1,9
Gerente/monitoramento de redes sociais	4	1,9
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	4	1,9
Relações Públicas	1	0,5

Repórter	7	3,4
Designer/Diagramador (a)	2	1,0
Editor (a)	2	1,0
Total	207	100,0

Tabela 37.1 – Outra. Qual?

	Frequência
	490
Analista	2
Analista de relacionamento com comunidades	1
Assessor de comunicação e gestão do conhecimento	1
Assessor de Comunicação e Produtor de Conteúdo	1
Assessoria com produção de conteúdo para site institucional, relações públicas, fotógrafa, editora e assessoria	1
Assistente de comunicação	1
Comunicação Interna	1
Consultora de comunicação estratégica, assessora executiva de comunicação, redação de branding content	1
Coordenador de Comunicação	1
Monitoramento de programas e noticiários radiofônicos	1
Social Media	1

Na pergunta sobre quais atividades são exercidas em um dia normal de trabalho pelos respondentes da região Centro-Oeste que atuam fora da mídia, identificamos uma variedade de atividades, indicando um perfil multitarefa ou polivalente também desses que



atuam fora da mídia. É possível verificar pelos números, conforme Tabela 38, que os respondentes marcaram mais de uma opção, revelando o acúmulo de funções e a polivalência exigida de jornalistas que estão fora da mídia, mas que exercem atividades jornalísticas. Produção de conteúdo (88,4%), assessoria de imprensa (77,3%), gestão de conteúdos (53,6%), monitoramento de redes sociais (49,8%), reportagem (47,3%), gestão de área e/ou comunicação (46,9%), edição (39,6%) e fotografia (33,8%) são as atividades mais desempenhadas pelos jornalistas que estão fora da mídia.

Tabela 38 – Quais as atividades que você exerce em um dia normal de trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Assessor de imprensa/comunicação (atendimento)	160	77,3
Produção de conteúdo	183	88,4
Gestão de área e/ou comunicação	97	46,9
Consultoria	35	16,9
Planejamento de negócios	15	7,2
Gestão de conteúdos	111	53,6
Gestão de projetos	47	22,7
Monitoramento de redes sociais	103	49,8
Marketing digital e/ou Inbound Marketing	60	29,0
Relações Públicas	56	27,1
Reportagem	98	47,3
Fotografia	70	33,8
Cinegrafia	12	5,8
Design gráfico	30	14,5
Edição	82	39,6



Outra(s). Qual(is)?	2	1,0
Total de respondentes válidos	207	100,0
Total de respostas	1161	

Chamamos atenção para a baixa porcentagem de respondentes na atividade de planejamento de negócios (7,2%). Esse dado aparece, curiosamente, nos jornalistas que estão fora da mídia, mas está ausente entre aqueles que atuam na mídia. O dado revela, em certa medida, que jornalistas que atuam fora da mídia têm exercido atividades de planejamento de negócios em seus espaços de trabalho em contraponto com os jornalistas que estão atuando na mídia, mas que não exercem atividades de negócios. Em um contexto em que a sustentabilidade de veículos vem sendo cada vez mais discutida e colocada à prova sobretudo em relação ao modelo de negócio tradicional do jornalismo, sinalizamos a necessidade de ampliar as discussões sobre novos modelos de sustentabilidade, gestão, empreendedorismo e planejamento de negócios entre aqueles jornalistas que atuam na mídia do Centro-Oeste.



4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TRABALHO, INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA

Quanto às características gerais do trabalho, desenvolvido na região Centro-Oeste do Brasil, foi questionado aos jornalistas entrevistados sobre o tempo de permanência no seu trabalho principal. A maioria (29,3%) respondeu que está entre um a três anos, 26,2% declararam que estão há até um ano, 13,7% afirmam que estão no emprego de três a seis anos, 13,5% permanecem entre seis a dez anos e 11,1% estão de dez a vinte anos no mesmo emprego (Tabela 39).

Tabela 39 - Você está há quanto tempo no seu trabalho principal?²

	Frequência	Porcentagem válida
Outro (especifique)	1	0,2
Até 1 ano	128	26,2
Entre 1 e 3 anos	143	29,3
De 3 a 6 anos	67	13,7
Entre 6 e 10 anos	66	13,5
De 10 a 20 anos	54	11,1
Entre 20 e 30 anos	18	3,7
Mais de 30 anos	11	2,3
Total	488	100,0

² A resposta à opção "Outro (especifique)" foi: "um mês".

A partir da observação dos dados (Tabela 39), é possível perceber que um maior número de trabalhadores permanecem menos tempo nos empregos. Essas informações demonstram a rotatividade no ambiente de trabalho e sugerem uma falta de estabilidade.

Diante da questão “Considerando os últimos seis meses, onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?”, mais da metade dos jornalistas (51,6%) responderam que na maior parte do tempo trabalham em casa, enquanto 29,3% executam suas atividades profissionais na empresa ou em outro local de trabalho. A terceira resposta mais frequente, que representa 13% dos entrevistados, refere-se aos profissionais que atuam um período em casa e outro na empresa ou organização profissional.³

Tabela 40: “Considerando os últimos seis meses, onde você executa seu trabalho principal na maior parte do tempo?”

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Onde?	1	0,2
Em casa	252	51,6
Em empresa ou outro local de trabalho	143	29,3
Em local público com acesso à Internet	13	2,7
Em local privado com acesso à Internet	15	3,1
Parte em casa e outra parte do tempo na organização em que trabalho	64	13,1
Total	488	100,0

Ao analisar os dados, é possível observar que a maior parte dos entrevistados executa seu trabalho principal fora de um ambiente formal, incluindo a casa ou até mesmo em

³ As resposta à opção “Outro. Onde?” foram: “em viagens”.



locais públicos com acesso à internet, esse último grupo representando 3,1% dos entrevistados. Tais indicadores apontam tanto para questões relacionadas à precarização do trabalho, quanto para as práticas socioculturais que ganharam força na pandemia de Covid-19, como o home office, e se mantêm mesmo após seu abrandamento.

Diretamente relacionada ao tópico anterior, na questão sobre o financiamento dos equipamentos, móveis, *softwares* e outros itens necessários para o desenvolvimento do trabalho do jornalista, as respostas revelaram que 43,6% dos próprios profissionais são os responsáveis por custeá-los. Já 39,3% dos respondentes afirmam que a empresa financia esses recursos e 15,4% apontaram que os itens são custeados em parte por si próprios e em parte pela empresa.⁴

Tabela 41 - Os equipamentos, móveis, softwares e outros itens necessários para seu trabalho foram pagos por quem?
(Considere os últimos seis meses e o lugar onde você passa mais tempo trabalhando)

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	1	0,2
Instituição/empresa para a qual trabalho	192	39,3
Por mim mesma (o)	213	43,6
Parte por mim e parte pela instituição contratante	75	15,4
Por familiares	7	1,4
Total	488	100,0

Com base na observação dos dados coletados (Tabela 41), pode-se constatar que os indicadores nesta questão coincidem com os da pergunta anterior. Assim, percebe-se uma

⁴ A resposta à opção "Outro. Qual?" foi: "pelos meus pais".

tendência de precarização do trabalho jornalístico formal e o fortalecimento de um contexto no qual o profissional, na maior parte dos casos, como demonstram os dados, precisa financiar os próprios móveis, recursos e equipamentos para poder desenvolver suas atividades.

Sobre o número de empregos no qual os jornalistas atuam na região Centro-Oeste, 58,8% dos profissionais pesquisados responderam que têm apenas um emprego, já 25% dos participantes afirmaram que mantêm dois trabalhos e 7,6% atuam em três empregos. Por fim, destaca-se também que os *freelancers* representam 2,3% dos entrevistados.

Tabela 42- Incluindo sua ocupação principal, quantos empregos (ou fontes de renda) diferentes você tem atualmente?

	Frequência	Porcentagem válida
Um	287	58,8
Dois	123	25,2
Três	37	7,6
Quatro ou mais	8	1,6
Atuo como <i>freelancer</i>	11	2,3
Nenhum	22	4,5
Total	488	100,0

A partir das respostas obtidas, é possível identificar que, na região Centro-Oeste, a grande maioria dos entrevistados respondeu que atua apenas em um emprego - informação que acompanha os dados nacionais⁵. Bem como, em comparação com os dados presentes no Perfil do Jornalista Brasileiro 2021⁶, percebe-se que no Centro-Oeste há um número me-

⁵ C.f. Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (LIMA et al., 2022) que aponta que 52,7% dos jornalistas entrevistados a nível nacional possuem apenas um emprego.

⁶ C.f. LIMA et al. (2022)



nor de profissionais que não estão empregados. O relatório nacional aponta 5,1% de profissionais que não estão atuando, enquanto a região Centro-Oeste apresentou um índice de 4,4%.

Diante dessa questão, torna-se relevante observar que mesmo os jornalistas profissionais que declararam ter mais de um emprego atuam em áreas relacionadas à comunicação. O grupo que respondeu que a atividade secundária é atuar “fora da mídia”, com assessoria de imprensa, comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento considerado jornalístico no Brasil, representa 38,7% dos participantes da pesquisa. Já 34% dos respondentes afirmaram que trabalham também em empresas de mídia, ou seja, em veículos de comunicação ou produtoras de conteúdo jornalístico e o grupo dos docentes está representado por 4,4% dos entrevistados.

Tabela 43 - Se você tem mais de um emprego ou fonte de renda, qual a área de atuação da atividade secundária?

	Frequência	Porcentagem válida
Só tenho um trabalho	8	4,4
Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo jornalístico etc.)	62	34,3
Docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	8	4,4
Fora da mídia, em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento)	70	38,7
Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?	33	18,2
Total de respostas	181	100,0

Os que mantêm atividades secundárias, sem relação com o jornalismo, representam

18,2% dos entrevistados. De modo que, ao analisar o item em questão, foram citadas 28 ocupações, em que a maior parte dos entrevistados (15%) fez alusão a algum tipo de aposentadoria. Destaca-se também que, por se tratar de uma questão de cunho dissertativo, podem ocorrer variações de expressão, por exemplo, foram mencionadas as atividades de *social media* e mídia social que representam o universo de 6% das respostas.

Destaca-se que 18,1% dos entrevistados que responderam a esta questão, embora tenham indicado não desenvolver atividades especificamente no jornalismo, afirmaram ter uma segunda atividade em áreas relacionadas à comunicação, como cinema, mídias sociais, marketing digital, fotografia ou produção de vídeos.

Tabela 43.1 - Fora do jornalismo ou qualquer função relacionada a ele. Qual área?

	Frequência
Alimentação	1
Aluguel de apartamento	1
Aposentadoria	3
Aposentadoria INSS	1
Aposentadoria por tempo de contribuição	1
ARTE	1
Bolsista do CNPQ	1
Borracharia	1
Cinema e Direitos Humanos	1
Coaching	1
Comerciante	1
Comerciante (Apoio à empresa da minha esposa)	1
Consultoria e gestão administrativa de empresa	1
É preciso ter outras fontes de renda	1



Esporte	1
Evento	1
Eventos	1
Faço freelances	1
Fast food	1
Fotografia e social media	1
Letras - revisão de texto	1
Marketing digital	1
Mídia social	1
Papelaria personalizada	1
Pensão alimentar	1
Professora de inglês	1
Serviço publico	1
Serviço público federal	1
Tecnologia	1
Terapias integrativas	1
Videomaker e fotografia	1

A legislação brasileira estabelece normas sobre o exercício da profissão de jornalista por meio do Decreto Lei nº 972/69, regulamentado pelo Decreto nº 83.284/79, que determina no Art. 15 que: "O salário de jornalista não poderá ser ajustado nos contratos individuais de trabalho, para a jornada normal de 5 horas, em base inferior à do salário estipulado, para a respectiva função em acordo ou convenção coletiva de trabalho, ou sentença normativa da Justiça do Trabalho" (BRASIL, 1979). Dessa forma, fica estabelecida a jornada de cinco horas de trabalho para o jornalista profissional.

Quanto às respostas obtidas para a pergunta sobre a média de horas trabalhadas por

dia, a maioria dos entrevistados (33%) declarou que trabalha de sete a oito horas. Na segunda resposta mais frequente (28%), os participantes da pesquisa afirmaram ter a média de trabalho de nove a dez horas e apenas 21,8% dos jornalistas responderam que têm uma jornada de trabalho diária de cinco a seis horas.

Tabela 44 - Em média quantas horas você trabalha por dia?

	Frequência	Porcentagem válida
Até 4 horas	21	4,8
De 5 a 6 horas	96	21,8
Entre 7 e 8 horas	145	33,0
De 9 a 10 horas	123	28,0
Entre 11 e 12 horas	37	8,4
13 horas ou mais	18	4,1
Total	440	100,0

A partir da visualização da Tabela 44, é possível verificar que uma parcela significativa dos entrevistados (8,4%) declarou que trabalha entre onze e doze horas diariamente. Os que trabalham até quatro horas representam 4,8% e os que têm uma jornada de trabalho diária de treze horas ou mais são 4,1% dos respondentes⁷.

Quanto às folgas mensais (Tabela 45), 36,1% dos entrevistados responderam que têm oito folgas, já 15,7% declararam ter quatro folgas e 11,8% afirmaram ter seis dias de descanso por mês. Esse dado indica que a maioria dos profissionais participantes da pesquisa encontra-se em consonância com a legislação brasileira, pois a Constituição Federal assegura aos trabalhadores em seu Art. 7, inciso XV - "repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos" (BRASIL, 1985).

⁷ Observa-se que a interpretação dos dados deve considerar que essa carga horária de trabalho pode ser exercida não apenas no exercício profissional do jornalismo, de modo que 36,7% dos profissionais participantes da pesquisa afirmam que exercem uma ou mais atividades, que podem ou não estar relacionadas à profissão.



Tabela 45 - Em geral, quantas folgas você tem em um mês de trabalho (ao menos 24h de descanso ininterruptas)?

	Frequência	Porcentagem válida
0	32	7,3
1	18	4,1
2	36	8,2
3	18	4,1
4	69	15,7
5	15	3,4
6	52	11,8
7	22	5,0
8	159	36,1
9	7	1,6
10	7	1,6
12	5	1,1
Total	440	100,0

Por outro lado, ao observar os dados (Tabela 45) é perceptível que 8,2% dos respondentes têm apenas duas folgas mensais e, de modo expressivo, 32 profissionais, o que representa 7,3% do total, responderam que não têm nenhum dia de folga durante o mês. Analisando as informações, pode-se inferir que os dados se aproximam nos grupos de profissionais que trabalham entre onze e doze horas diárias (8,4%), dos que possuem três ou mais empregos, que juntos representam 9,2%, e dos que não têm folgas mensais. Dessa forma, entende-se que esse cenário evidencia uma rotina de trabalho extenuante - seja pela carga horária diária ou pelo número de vínculos profissionais - agravada, ainda mais, pela ausência de folgas mensais, podendo causar prejuízos à saúde mental e física dos trabalhadores.

4.1. Indicadores de saúde laboral e segurança

Conforme Prado (2016), “o estresse ocupacional é um estado em que ocorre desgaste do organismo humano e/ou diminuição da capacidade de trabalho”. Essa condição pode ser definida como “um conjunto de perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico associado às experiências de trabalho” (PRADO, 2016, p. 286). Para a questão “Você se sente estressado(a) no ambiente de trabalho?”, mais da metade dos entrevistados (64,8%) responderam positivamente e os outros 35,2% apontaram que não se sentem estressados em seus empregos. Quanto à pergunta sobre a incidência de diagnósticos de estresse (Tabela 47), 62,3% afirmaram que não receberam diagnóstico e 37,7% declararam que sim.

Tabela 46 - Você se sente estressado(a) no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	285	64,8
Não	155	35,2
Total	440	100,0

Tabela 47 - Você já foi diagnosticada(o) com estresse?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	166	37,7
Não	274	62,3
Total	440	100,0

Nas questões sobre a saúde mental dos trabalhadores, 80,5% dos entrevistados informaram que não foram diagnosticados com nenhum transtorno mental relacionado ao trabalho e 19,5% responderam positivamente (Tabela 48) com relação a diagnósticos.



Quanto à prescrição de antidepressivos, 65% dos entrevistados responderam negativamente e 35% disseram que já receberam prescrição de medicamentos dessa natureza (Tabela 49).

Tabela 48 - Você já foi diagnosticada(o) com algum transtorno mental relacionado ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	86	19,5
Não	354	80,5
Total	440	100,0

Tabela 49 - Você já recebeu indicação para tomar antidepressivos?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	154	35,0
Não	286	65,0
Total	440	100,0

A Lesão por Esforço Repetitivo (LER) está relacionada às atividades desenvolvidas pelo indivíduo e também pode ser classificada como uma doença ocupacional. Conforme o Ministério da Saúde (BRASIL, 2023), a lesão se desenvolve se “houver a incompatibilidade entre os requisitos físicos da atividade ou tarefa e a capacidade física do corpo humano”⁸. Conforme a Sociedade Brasileira de Reumatologia (2023), o termo Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) foi criado para substituir a sigla LER, pois “a maior parte dos trabalhadores com sintomas no sistema musculoesquelético não apresenta evi-

⁸C.f. BRASIL. Ministério da Saúde. Lesões por esforços repetitivos (LER). Biblioteca Virtual em Saúde. Brasília, 2023. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/lesoes-por-esforcos-repetitivos-ler/>

dência de lesão em qualquer estrutura e [...] além do esforço repetitivo, outros tipos de sobrecargas no trabalho podem ser nocivas para o trabalhador como sobrecarga estática”⁹.

Como é possível visualizar na Tabela 50, a grande maioria dos jornalistas entrevistados (80%) afirmou que nunca foi diagnosticado com algum sintoma de LER ou DORT e os demais 20% responderam que sim. Relacionada a essa questão, foi perguntado se os profissionais já precisaram pedir licença devido a tais problemas de saúde (Tabela 51). A maior parte dos pesquisados (93,6%) informou que não e apenas 6,4% afirmaram que já precisou solicitar licença por esses motivos.

Tabela 50 - Você já foi diagnosticada(o) com algum sintoma de LER/DORT?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	88	20,0
Não	352	80,0
Total	440	100,0

Tabela 51 - Você já precisou pedir licença do trabalho por problemas de LER/DORT?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	28	6,4
Não	412	93,6
Total	440	100,0

Quanto as questões relacionadas ao reconhecimento profissional e a carga horária, a maioria dos profissionais entrevistados (55,2%) considera que seus esforços no trabalho não são devidamente reconhecidos, enquanto menos da metade (44,8%) acredita que seus esforços são reconhecidos de forma adequada. Em contrapartida, 70% dos trabalhadores

⁹C.f. SOCIEDADE Brasileira de Reumatologia. Ler/Dort. 2022. Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/ler-dort/>.



afirmam que costumam trabalhar mais horas do que o estabelecido em contrato por meio das horas extras (Tabela 53).

Tabela 52 - Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	197	44,8
Não	243	55,2
Total	440	100,0

Tabela 53 - É comum você trabalhar mais do que o contratado (fazer horas-extras)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	308	70,0
Não	132	30,0
Total	440	100,0

Outra questão abordada entre os respondentes diz respeito ao assédio moral, caracterizado pela “exposição de pessoas a situações humilhantes e constrangedoras no ambiente de trabalho, de forma repetitiva e prolongada, no exercício de suas atividades”. Essa prática é definida como “toda e qualquer conduta abusiva, manifestando-se por comportamentos, palavras, atos, gestos ou escritos que possam trazer danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física e psíquica de uma pessoa, pondo em perigo o seu emprego ou degradando o ambiente de trabalho” (BRASIL, 2022, p.7)¹⁰. Dos jornalistas entrevistados,

10 BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. Cartilha de Prevenção ao Assédio Moral e Sexual - Por um ambiente de trabalho mais positivo. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/documentos/10157/26144164/Campanha+ass%C3%A9dio+moral+e+sexual+--+a5+--+12092022.pdf/f10d0579-f70f-2a1e-42ae-c9dcfcc1fd47?t=1665432735176>

44% confirmaram já ter sofrido assédio moral no trabalho e 55,2% responderam negativamente à questão.

Tabela 54 - Você já sofreu assédio moral no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	197	44,8
Não	243	55,2
Total	440	100,0

Sobre o assédio sexual no ambiente de trabalho, 80% dos entrevistados responderam que não sofreram esse tipo de violência, enquanto 15,7% dos profissionais declararam já terem sido vítimas de assédio sexual no trabalho (Tabela 55). Destaca-se que o “assédio sexual é toda conduta indesejada de natureza sexual que restrinja a liberdade sexual da vítima”¹¹, de modo que a repetição da conduta “não é imprescindível para a caracterização do assédio sexual. Um único ato pode ser suficientemente grave para atingir a honra, a dignidade e a moral da vítima”¹².

Tabela 55 - Você já sofreu assédio sexual no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	69	15,7
Não	371	84,3
Total	440	100,0

A maior parte dos entrevistados afirmou que nunca sofreu violência verbal no trabalho, representando 70% dos entrevistados (Tabela 56). A grande maioria dos jornalistas participantes da pesquisa (97,7%) declarou que nunca sofreu agressões físicas no trabalho ou em decorrência dele (Tabela 57).

11 C.f. BRASIL (2022, p.7).

12 C.f. BRASIL (2022, p.17)



Tabela 56 - Você já sofreu violência verbal no trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	132	30,0
Não	308	70,0
Total	440	100,0

Tabela 57 - Você já foi agredida(o) fisicamente no trabalho ou em decorrência dele?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	10	2,3
Não	430	97,7
Total	440	100,0

Um número significativo de jornalistas (70,9%) da região Centro-Oeste declarou não ter sofrido ataques ou ameaças virtuais devido ao trabalho (Tabela 58). Já 29,1% responderam que sofreram esse tipo de ataque. No que se refere à vigilância ou monitoramento digital por superiores hierárquicos (Tabela 59), 65,2% responderam negativamente e 34,8% afirmaram que já sofreram esse tipo de prática.

Tabela 58 - Você já sofreu ataques ou ameaças virtuais devido ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	128	29,1
Não	312	70,9
Total	440	100,0



Tabela 59 - Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	153	34,8
Não	287	65,2
Total	440	100,0

O constrangimento no trabalho configura prática de assédio moral. Na região Centro-Oeste, quando questionados sobre o tema, 43% dos profissionais afirmaram já terem sofrido constrangimento por gestores ou superiores e 57% responderam negativamente. Para a questão “Você já realizou alguma atividade profissional sob algum tipo de coação?” (Tabela 61), quase 79% dos entrevistados declaram que não realizaram tal prática, já 21,1% responderam positivamente. Quando questionados se já deixaram de desenvolver alguma atividade por medo de retaliações, 60,2% dos entrevistados declaram que não (Tabela 62).

Tabela 60 - Você já foi constrangida(o) no trabalho por gestores ou superiores?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	189	43,0
Não	251	57,0
Total	440	100,0

Tabela 61 - Você já realizou alguma atividade profissional sob algum tipo de coação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	93	21,1



Não	347	78,9
Total	440	100,0

Tabela 62 - Você já deixou de realizar alguma atividade profissional por receio de sofrer retaliação?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	175	39,8
Não	265	60,2
Total	440	100,0

Apenas 6,8% dos profissionais jornalistas que participaram da pesquisa já formalizaram denúncias em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão (Tabela 63). Destaca-se que esse dado mostra-se incompatível com o número de trabalhadores entrevistados que declaram ter sofrido assédio moral (44,8%), assédio sexual (15,7%), violência verbal (30%) e ataques ou ameaças (29,1%). Esse dado pode indicar uma retração nas denúncias e uma baixa formalização disso nos órgãos competentes.

Tabela 63 - Você já formalizou denúncia em relação a algum tipo de assédio, ameaça ou agressão?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	30	6,8
Não	410	93,2
Total	440	100,0

Quase a totalidade dos entrevistados (97,5%) respondeu que seus familiares nunca

sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho. Apenas 2,5% dos profissionais tiveram alguma ocorrência desse tipo relacionada a membros de sua família. (Tabela 64)

Tabela 64 - Seus familiares já sofreram ataques ou ameaças devido ao seu trabalho?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	11	2,5
Não	429	97,5
Total	440	100,0

Em relação à pergunta que questiona se o profissional já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra um colega ou conhecido (Tabela 65), 53% dos respondentes afirmaram que já presenciaram tais situações e 46,6% declararam que não. No que se refere à questão "Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega ou conhecido(a)?", 76,6% apontou que não presenciou e 23,2% informou que sim (Tabela 66).

Tabela 65 - Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho contra colega ou conhecida(o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	235	53,4
Não	205	46,6
Total	440	100,0



Tabela 66 - Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho contra colega ou conhecido(a)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	102	23,2
Não	338	76,8
Total	440	100,0

5. SATISFAÇÃO NO TRABALHO, PERSPECTIVAS DE FUTURO, CRENÇA E RELIGIÃO

Esta parte do questionário é dedicada às expectativas profissionais de jornalistas que responderam à pesquisa no Perfil do Jornalista Brasileiro no Centro-Oeste. As perguntas tiveram como objetivo aferir o grau de satisfação desse grupo profissional com seu ambiente de trabalho, com os rumos de sua carreira, ressaltando satisfações e frustrações vivenciadas no ofício. Esse tópico também trata de inventariar sobre prestígio social, remuneração e de qualidade de vida de quem tem no jornalismo a sua profissão. Os dados levantados mostram um grau de satisfação regular em boa parte das questões, tendendo mais para um sentimento de satisfação, sem deixar de demonstrar que uma parcela significativa dos respondentes não têm o retorno sonhado ou ao menos aguardado da profissão. Não chega a constituir um equilíbrio entre os que se revelam satisfeitos e os que se declaram insatisfeitos em vários dos aspectos contemplados no questionário, mas é preciso manter a atenção para um relevante número de respostas de teor negativo, o que pode sinalizar uma certa frustração dos desejos em relação ao ofício escolhido. As condições muitas vezes adversas dos ambientes e contextos de trabalho podem, talvez, explicar esse fenômeno.

Tabela 67 - Possibilidades de promoção

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	28	6,4
Satisfeita (o)	104	23,6
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	118	26,8
Insatisfeita (o)	71	16,1
Muito insatisfeita (o)	65	14,8
Não se aplica	54	12,3
Total	440	100,0



Na pergunta sobre o grau de satisfação quanto às possibilidades de promoção, de 440 respostas aferidas, apenas 28 (6,4%) marcaram a opção Muito Satisfeita(o). Já o(a)s satisfeita(o)s somaram 23,6% das respostas, enquanto quem se revelou nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o) computaram o maior número de respostas (26,8%). Se somarmos insatisfeita(o) e muito insatisfeita(o), temos 30,9% do conjunto de respondentes. Quanto às expectativas de promoção, portanto, a maior parte da(o)s profissionais se mostra apática ou pessimista. Esses dois sentimentos perfazem quase o dobro da soma dos muito satisfeita(o)s e satisfeita(o)s, que, juntos, somam exatos 30%. É como se o grupo fosse dividido em três partes praticamente iguais: satisfação, apatia e insatisfação quanto às possibilidades de promoção.

Tabela 68 - Funções que realiza (tipo de trabalho)

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	62	14,1
Satisfeita (o)	223	50,7
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	87	19,8
Insatisfeita (o)	54	12,3
Muito insatisfeita (o)	12	2,7
Não se aplica	2	0,5
Total	440	100,0

Já sobre as funções que desempenham, avaliando o tipo de trabalho que realizam, as entrevistas mostraram um alto percentual de satisfação, com 50,7%. Se somarmos os 14,1% de quem respondeu a opção Muito Satisfeita(o), esse percentual corresponde a quase dois terços do conjunto aferido. Nesse item, quem se declara insatisfeita(o) e muito insatisfeita(o) chega a 15%, ficando abaixo até de quem se mostra indiferente, com 19,8%. Pelo que os números indicam, há uma identificação genuína da(o)s profissionais com suas funções, o que erode em parte a visão prévia de que jornalistas, com todas as dificuldades que

enfrentam, que vão de baixos salários ao não reconhecimento devido da sociedade, estariam, em sua maioria, infelizes com suas práticas. Quanto à satisfação em relação às funções desempenhadas, não é essa realidade que o levantamento evidencia.

Tabela 69 - Carga de trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	61	13,9
Satisfeita (o)	152	34,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	115	26,1
Insatisfeita (o)	78	17,7
Muito insatisfeita (o)	29	6,6
Não se aplica	5	1,1
Total	440	100,0

Quando a pergunta passa para a carga de trabalho, constata-se uma mudança sensível nesses números. Se a(o)s profissionais mostram-se satisfeita(o)s quanto às funções desempenhadas, isso não se repete quanto ao tempo dedicado a elas. As opções Satisfeita(o) e Muito Satisfeita(o) ainda somam a maioria (juntas, correspondem a 48,4% das respostas). Mas aqui a apatia dos nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o) sobe para 26,1%. Também há um aumento da insatisfação, que alcança 24,3% entre insatisfeita(o) e muito insatisfeita(o). Plantões sucessivos, menos gente nas redações para realizar revezamentos de folgas, mais mídias para abastecer ao mesmo tempo podem estar saturando os jornalistas, que cumprem suas funções com alto grau de satisfação, mas, pelo que indica o levantamento, também com elevados níveis de cansaço.



Tabela 70 - Intensidade da rotina

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	40	9,1
Satisfeita (o)	152	34,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	119	27,0
Insatisfeita (o)	91	20,7
Muito insatisfeita (o)	35	8,0
Não se aplica	3	0,7
Total	440	100,0

Os dados levantados na pergunta anterior completam-se nesta questão sobre a percepção acerca da intensidade da rotina de trabalho. Os que marcaram entre Satisfeita(o)s e Muito Satisfeita(o)s caíram para 43,6%, com a insatisfação subindo um pouco, para 28,7%. Não é possível detalhar a partir desses números quais são os pontos dessa rotina, intensa por natureza, que levam jornalistas a terem essas opiniões. Entretanto, cruzando os dados das perguntas, é possível inferir que a carga de trabalho e sua intensidade têm afetado negativamente quase 30% da(o)s profissionais, o que é um dado preocupante.

Tabela 71 - Jornada laboral (horas trabalhadas/escala)

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	51	11,6
Satisfeita (o)	165	37,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	104	23,6
Insatisfeita (o)	83	18,9
Muito insatisfeita (o)	29	6,6

Não se aplica	8	1,8
Total	440	100,0

Nas respostas à pergunta sobre jornada laboral, ainda que os números evidenciem uma leve melhora quanto à questão anterior, com Muito Satisfeita(o)s e Satisfeita(o)s perfazendo 49,1% e as opções Insatisfeita(o) e Muito Insatisfeita(o) somando 25,5%, o quadro geral parece permanecer. A maioria não vê problemas na quantidade de horas que trabalha, mas uma parcela nada desprezível (cerca de ¼ dos respondentes) têm opinião inversa.

Tabela 72 - Remuneração

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	35	8,0
Satisfeita (o)	134	30,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	89	20,2
Insatisfeita (o)	120	27,3
Muito insatisfeita (o)	56	12,7
Não se aplica	6	1,4
Total	440	100,0

Quando o tema é remuneração, porém, os graus de satisfação chegam a se inverter, num movimento importante que aponta para uma frustração nesse quesito. Ao todo, 38,5% de quem respondeu à pesquisa considera-se Satisfeita(o) ou Muito Satisfeita(o) com o salário que ganha, mas 40% não estão nada felizes com seus ganhos, marcando Insatisfeita(o) ou Muito Insatisfeita(o). Aquele(a)s que se mostram indiferentes somam pouco mais de 20%. Essa é uma queixa histórica da categoria, que sempre se considerou mal remunerada. Um achatamento salarial que tem se agravado com o enfraquecimento de sindicatos, com ambientes de trabalho mais restritos em empresas de maior porte e uma corrosão de muitos anos dos pisos salariais. É interessante notar certa discrepância entre o grau de satisfação



com o salário em comparação com este parâmetro quanto às funções cumpridas. O exercício da profissão ainda se mostra mais gratificante que sua remuneração, mantendo, em certo sentido, um grau de missão cívica do jornalismo, com o(a)s profissionais encarnando esse papel, sentindo compensações em fazer trabalhos que, muitas vezes, incluem investigações e cobranças do poder público e auxílios às pessoas em vulnerabilidade social, não obstante o salário estar aquém do que desejariam ganhar.

Tabela 73 - Outros benefícios não salariais

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	41	9,3
Satisfeita (o)	110	25,0
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	80	18,2
Insatisfeita (o)	89	20,2
Muito insatisfeita (o)	73	16,6
Não se aplica	47	10,7
Total	440	100,0

Já quanto à avaliação em relação a outros benefícios não salariais, a insatisfação também é alta, novamente superando a satisfação, ainda que por uma pequena margem, numa espécie de empate técnico. Quem se declara Insatisfeita(o) ou Muito Insatisfeita(o) somam 36,8%, contra 34,3% que escolheram as opções Satisfeita(o) e Muito Satisfeita(o). Já quem se revela indiferente corresponde a 18,2% dos respondentes. Não fica claro de quais benefícios não salariais o questionário trata, mas eles parecem tão pouco sedutores ou vantajosos quanto os próprios salários na visão do(a)s jornalistas do Centro-Oeste.

Tabela 74 - Relações interpessoais no trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita(o)	83	18,9
Satisfeita(o)	225	51,1
Nem satisfeita(o), nem insatisfeita(o)	71	16,1
Insatisfeita(o)	35	8,0
Muito insatisfeita(o)	17	3,9
Não se aplica	9	2,0
Total	440	100,0

Quanto às relações interpessoais no trabalho, a pesquisa mostrou que o grau de satisfação é alto. Somando os que marcaram a alternativa Muito Satisfeita(o) e Satisfeita(o), o número chega a expressivos 70%. Já quem se considera Insatisfeita(o) ou Muito Insatisfeita(o) com os laços com os colegas no ambiente laboral somam 11,9%. Para 16,1%, há uma indiferença quanto a esse quesito. Uma certa solidariedade de grupo, relacionada com a cultura profissional, identificações e afinidades podem explicar esse resultado, o que também alivia e distensionam uma rotina naturalmente dura e fatigante, com remuneração aquém da desejada, como vimos nas respostas às questões anteriores. Esse espírito de corpo dentro de redações ou entre profissionais que atuam na área fora dos veículos de comunicação tradicionais não é algo raro de ser observado no jornalismo, não obstante a forte concorrência que pode surgir por cargos, oportunidades de promoções e até por exclusividade na apuração de informações.

Tabela 75 - Experiência profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	127	28,9
Satisfeita (o)	226	51,4



Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	53	12,0
Insatisfeita (o)	23	5,2
Muito insatisfeita (o)	8	1,8
Não se aplica	3	0,7
Total	440	100,0

A experiência profissional é outro item em que o grau de satisfação tem um salto significativo entre quem respondeu ao questionário. Nesse quesito, entre Satisfeita(os) e Muito Satisfeita(o)s, o número alcança nada menos que 80,3%, enquanto quem assinalou a opção de Insatisfeita(o) e Muito Insatisfeita(o) compõem um conjunto que só atinge 7%. É uma relação de mais de 10 para 1. A experiência profissional é algo que mantém algum grau de relevância no trabalho jornalístico, apesar de haver um explícito etarismo em veículos de comunicação, nos quais, sobretudo em plataformas audiovisuais, há uma preferência pela demissão de pessoas com mais tempo de profissão, conforme identificamos como prática ao longo do tempo em diversos veículos. Se a pergunta for tomada pelo sentido de vivências profissionais, esse alto grau de satisfação se mostra coerente com a visão sobre a profissão e os ganhos que ela traz em termos de experiências de vida que se revelam na forma positiva com que a maior parte de quem respondeu ao questionário enxerga suas funções, mesmo com uma remuneração baixa.

Tabela 76 - Linha editorial ou segmento de atuação

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	87	19,8
Satisfeita (o)	175	39,8
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	102	23,2
Insatisfeita (o)	40	9,1
Muito insatisfeita (o)	22	5,0

Não se aplica	14	3,2
Total	440	100,0

Em relação à linha editorial do local onde trabalham ou segmento de atuação em que se encontram, profissionais do jornalismo do Centro-Oeste mantêm um grau de satisfação expressivo, com 59,6% entre Satisfeita(o)s e Muito Satisfeita(o)s, enquanto 14,1% têm uma posição diametralmente oposta, preferindo as opções Insatisfeita(o) e Muito Insatisfeita(o). Já os indiferentes alcançam 23,2% do total. Essa aderência às linhas editoriais também é esperada, principalmente para quem tem ambições de ascensão na carreira. Seguir os preceitos e valores das empresas não é algo raro, uma vez que, ao ingressarem em tais espaços, jornalistas costumam saber exatamente quais são as posições ideológicas do veículo. Isso não quer dizer, necessariamente, que haja uma introjeção acrítica de tais princípios. Contestações podem ocorrer pontualmente sem que isso signifique uma oposição plena. É possível conciliar uma visão mais crítica com a adequação, em termos gerais, à essência da linha editorial em questão. Talvez disso resulte essa diferença importante nos graus de satisfação e não satisfação computados.

Tabela 77 - Princípios e valores da empresa/organização

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	84	19,1
Satisfeita (o)	161	36,6
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	104	23,6
Insatisfeita (o)	54	12,3
Muito insatisfeita (o)	29	6,6
Não se aplica	8	1,8
Total	440	100,0

Algo semelhante à questão anterior pode ser observado também nesta, que trata



dos princípios e valores da empresa/organização. Nesse quesito, entre jornalistas Satisfeita(o)s e Muito Satisfeita(os), o total chega a 55,7%. Já quem se declara Insatisfeita(o) ou Muito Insatisfeita(o) insere-se numa soma de 18,9%, não muito distante dos números da pergunta anterior. O(a)s indiferentes são 23,6%. Os mesmos mecanismos de aderência, identificação e ambição quanto a possíveis promoções podem estar em funcionamento também neste item.

Tabela 78 - Prestígio social

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	62	14,1
Satisfeita (o)	156	35,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	164	37,3
Insatisfeita (o)	34	7,7
Muito insatisfeita (o)	15	3,4
Não se aplica	9	2,0
Total	440	100,0

Um dos principais atrativos da profissão, o prestígio social que o jornalismo teoricamente traria, não é visto com grande deslumbramento por quem já está inserido no mercado, de acordo com a pesquisa. Nessa pergunta, aqueles que se colocam como Nem Satisfeita(o)s, Nem Insatisfeita(o)s chegam ao maior número, perfazendo 37,3% das respostas. É a maior porcentagem entre todas as opções, superando quem se diz Satisfeita(o), com 35,5%. A insatisfação quanto a esse prestígio, porém, tem pouca força no conjunto, somando, entre Insatisfeita(o)s e Muito Insatisfeita(o)s, pouco mais de 11% do total, menos que a(o)s Muito Satisfeita(o)s, com 14,1%. Os ataques à profissão não parecem ter minado definitivamente as expectativas de prestígio social de jornalistas, mas a realidade que encontram no dia-a-dia poderia estar motivando uma certa indiferença quanto a esse chamariz.

Tabela 79 - Possibilidade de influenciar em assuntos públicos

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	70	15,9
Satisfeita (o)	152	34,5
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	139	31,6
Insatisfeita (o)	45	10,2
Muito insatisfeita (o)	17	3,9
Não se aplica	17	3,9
Total	440	100,0

Algo próximo pode ser visto nas respostas quanto às possibilidades de influenciar em assuntos públicos, com a(o)s indiferentes chegando a 31,6% das respostas, mas desta vez perdendo para a(o)s Satisfeita(o)s, que somam 34,5%. A insatisfação é exatamente a mesma em relação à pergunta anterior, com 14,1% das respostas entre Insatisfeita(o)s e Muito Insatisfeita(o)s. Dentro da tradição dos *watchdogs* (os cães de guarda), guardiões dos direitos da sociedade, jornalistas costumam ter a pretensão de mudar destinos e rumos de determinados temas com seu trabalho, mas tendo em vista que esse já foi um pilar do ofício, o grau de satisfação quanto a essa possibilidade não tem uma dianteira tão grande em comparação com posições mais apáticas, que não demonstram cultivar esse objetivo como algo primordial do trabalho.

Tabela 80 - Possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	63	14,3
Satisfeita (o)	120	27,3
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	126	28,6



Insatisfeita (o)	71	16,1
Muito insatisfeita (o)	42	9,5
Não se aplica	18	4,1
Total	440	100,0

Sobre a possibilidade de desenvolver uma especialização ou aprimoramento profissional, 41,6% se revelam Satisfeita(o)s ou Muito Satisfeita(o)s, o que aponta para uma vontade genuína de parte expressiva dos profissionais em ter essa ascensão em seus conhecimentos sobre o trabalho. A insatisfação nesse quesito, porém, não é desprezível, com 25,6% demonstrando frustração quanto às possibilidades reais dessa formação suplementar. Seria a ausência de políticas das empresas em reciclar seu pessoal, estimulando e dando mais chances práticas para que isso acontecesse, que levaria a essa insatisfação? A indiferença quanto ao tema, com aqueles que se dizem Nem Satisfeita(o)s, Nem Insatisfeita(o)s, também não é pequena, alcançando 28,6%. Esse é um ponto que merece atenção, uma vez que é importante buscar saber as razões dessas posturas diante da aquisição de mais conhecimento por parte da(o)s profissionais.

Tabela 81 - Qualidade de vida

	Frequência	Porcentagem válida
Muito satisfeita (o)	46	10,5
Satisfeita (o)	160	36,4
Nem satisfeita (o), nem insatisfeita (o)	113	25,7
Insatisfeita (o)	82	18,6
Muito insatisfeita (o)	34	7,7
Não se aplica	5	1,1
Total	440	100,0

Num resumo de outras questões anteriores, o questionário pergunta sobre a qualidade de vida. 46,9% de quem respondeu a essa pergunta se declara Muito Satisfeita(o) ou Satisfeita(o) nesse quesito, contra 26,3% de quem optou pelas alternativas Muito Insatisfeita(o) ou Insatisfeita(o). Aquela(s) que não se mostraram nem satisfeita(o)s, nem insatisfeita(o)s somaram 25,7%, quase a mesma quantidade de quem mostrou algum grau de insatisfação com a qualidade de vida que leva trabalhando em jornalismo. Este quesito pode ser encarado como uma espécie de síntese da maior parte das respostas aferidas nesse extrato do questionário, com uma divisão mais ou menos próxima, em vários momentos, de três conjuntos principais de respostas, com tendência mais acentuada, em determinadas perguntas, para respostas de teor mais positivo. Ainda que essa seja uma boa notícia, não é prudente ignorar amplos grupos das respostas que também apontam para insatisfações em diferentes aspectos ligados à qualidade de vida no trabalho que foram registrados.

Tabela 82 - Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	30	6,8
Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço	125	28,4
Seguir na organização que estou e ser promovida (o)	82	18,6
Entrar em uma organização de maior porte	64	14,5
Ingressar na carreira pública como docente	19	4,3
Deixar a carreira atual e ingressar no serviço público em funções jornalísticas	32	7,3
Deixar a carreira atual e atuar como jornalista profissional contratada (o)	20	4,5
Deixar a carreira atual e atuar como docente	9	2,0



Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas	46	10,5
Pretendo me aposentar em breve	13	3,0
Total	440	100,0

Tabela 82.1 - Outros. Quais?

Objetivo Geral	Descrições
Empreender	Abrir minha empresa de mkt digital / Abrir uma produtora e prestar serviços por projetos / Continuar como jornalista independente, autônoma / Empreender um projeto de comunicação e produção de conteúdo próprio. / Investir em um projeto próprio / Seguir como proprietário e editor de site / Seguir no trabalho, mas criar algo independente com funções jornalísticas
Estudar	Deixar a carreira atual e me dedicar ao mestrado/doutorado/docência / Fazer um doutorado. / Fazer uma pós, trabalhar com comunicação independente / Ingressar no mestrado e atuar como pesquisadora, mas não necessariamente já ingressar na carreira docente / Livre docência e ciência de dados / Pós doutoramento./ Realização de pós-doutorado.
Diversificar	Deixar a carreira atual e focar em projetos documentários (vídeo e foto) / Desenvolver um projeto pessoal / Fazer comunicação corporativa na iniciativa privada / Mudar de editoria / Entrar



	em uma organização com um ambiente laboral melhor / Seguir a carreira atual, mas em outra empresa/gabinete/ Seguir na carreira em outras atividades. / Seguir na mesma organização e desempenhar funções diferentes da que eu exerço / Seguir o mesmo tipo de atuação profissional, mas para outras organizações diferente da que estou / Treinamentos / Voltar a trabalhar em empresa cuja atividade fim seja jornalística, como jornais, emissoras de rádio e TV, site e portais de notícias.
Sair da Profissão	Não fazer mais nada. / Ser escritora de livros
Outras Respostas	Em planejamento / Não sei / não sei, sem planos

Este item traz dados a respeito de projetos das pessoas que trabalham com Jornalismo no Centro-Oeste e que responderam ao questionário, apontando planos para um período de um a dois anos. Aqui há uma fragmentação das respostas, mas alguns conjuntos delas chamam mais atenção por concentrarem a maior quantidade de respondentes, apontando para um desejo de estabilidade. Do universo de 440 profissionais que participaram da pesquisa, 125 (ou 28,4%) explicitaram a expectativa de permanecer na mesma organização em que estão, exercendo as mesmas funções que desempenham hoje. Já 82 pessoas (18,6%) também desejam ficar na mesma organização em que estão, mas recebendo alguma promoção hierárquica. Em terceiro lugar vêm os que querem entrar numa organização de maior porte (14,5% do conjunto pesquisado). Já os que desejam deixar o jornalismo e mudar de carreira somam 10,5%. Outros 7,3% querem deixar a carreira atual e entrar no serviço público, mas realizando funções ligadas ao Jornalismo. Aqui também temos um número que demonstra ânsia por mais estabilidade, uma vez que órgãos públicos têm empregos mais sólidos do que na iniciativa privada. As empresas privadas têm passado por transformações profundas, com enxugamento dos quadros dos colaboradores e aumento do volume de trabalho e responsabilidades, incluindo um perfil multitarefa.



O caminho da docência seduz apenas 6,3% dos respondentes, seja no âmbito de uma instituição pública de ensino ou em uma universidade particular. Há algumas respostas únicas que também merecem menção, não estatisticamente, mas ao menos como curiosidade acerca de projetos que podem povoar os sonhos de jornalistas. Uma pessoa afirmou que quer abrir sua própria empresa de marketing digital, uma outra revelou o desejo de criar um caminho independente ligado ao jornalismo e uma terceira mencionou ter um projeto próprio, o que denota, pelo baixo número de respostas nesse sentido, que a cultura do empreendedorismo ainda não está arraigada na profissão.

Apenas uma pessoa disse querer fazer mestrado, uma outra expressou o desejo de cursar um doutorado e duas pós-doutorado. Essa vontade de obter um grau maior de especialização também surge como exceções entre os projetos dos jornalistas, dialogando com a perspectiva nem sempre muito positiva da pergunta sobre possibilidades de aprimoramento profissional. Por fim, uma das pessoas desejaria tornar-se escritora de livros. Ao lado da estabilidade, portanto, descobrimos respostas, ainda que minoritárias, que traduzem uma vontade de trilhar caminhos menos habituais no jornalismo.

5.1 Crença e Religião

Tabela 83 - Você é adepta (o) a alguma fé, religião ou culto?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim. Qual (is)?	282	64,1
Não, sou ateu/ateia	54	12,3
Não, sou agnóstico/agnóstica	104	23,6
Total	440	100,0

Tabela - 83.1 - Tem Religião? Sim. Quais?

	Frequência (282)	Porcentagem Válida
Igreja Católica - Católica - Catolicismo - Cristã Católica - Católica Não-Praticante ¹³ - Católica praticante ¹⁴	118	41,84%
Cristianismo - Cristão - Evangélicos - Cristãos Evangélicos - Protestante ¹⁵ - Evangelismo - Evangélico Pentecostal ¹⁶	60	21,27%
Espírita - Kardecista ¹⁷	56	19,85%
Dupla ou múltipla pertença (católica e espírita (8) ¹⁸ / católica e matriz africana (1) / sincretista (1) / Ecumênica (1) / Espírita e umbandista (1) / católica, espírita e agnóstica (1) / cristão, islamismo e espírita (1))	14	4,96%
Umbanda	9	3,19%
Creio em Deus / Deus habita em mim / Sem intermediários / Deus em todas as suas representações, como Jesus, Buda e Maria / Creio em Deus / Sem ligações com instituições)	6	2,12%

¹³ Duas pessoas se declararam “católicas não praticantes”.

¹⁴ Uma pessoa fez questão de pontuar que era “praticante!”, com ponto de exclamação.

¹⁵ Apenas duas pessoas usaram o termo “protestante”.

¹⁶ Apenas uma pessoa citou a denominação “pentecostal”, mas ninguém mencionou “neopentecostal” ou apontou uma igreja específica. Também não houve menções a outras denominações tradicionais do espectro protestante, como a batista ou a metodista.

¹⁷ Há apenas uma menção ao termo “doutrina” para o espiritismo e só duas pessoas definem sua crença de “kardecista”.

¹⁸ Foi a maior quantidade de sobreposições ou de dupla pertença religiosa averiguada.



Espiritualismo - Tem Espiritualidade - Espiritualizada	4	1,41%
Candomblé	6	2,12%
Budismo	3	1,06%
Religiões neopagãs / Bruxaria	2	0,70%
Daime	1	0,35%
Cristão Evangélico Presbiteriano	1	0,35%
Adventista - Adventista do Sétimo Dia	2	0,70%
Não praticante (não frequento)	1	0,35%
Gnose	1	0,35%

Por fim, quanto à profissão de fé de quem respondeu o questionário, 64,1% disseram ter algum credo ou religião, 23,6% declararam-se agnóstica(o)s e 12,3% disseram-se ateus ou atéias. Dos 440 que assinalaram essas alternativas, apenas 282 informaram qual era sua religião específica. Deste conjunto, ainda predomina a religião católica, com 128 respostas (distribuídas em diferentes formas de enunciação dessa preferência), correspondendo a 45,39%. Em segundo lugar vêm os adeptos do espiritismo, de maneira exclusiva ou em comunhão com outras religiões, como a católica: 67 respostas, mesmo que superpostas (23,75%). Aquela(e)s que se declaram cristãos ou cristãs, evangélicos ou protestantes ou de denominações próximas somaram 62 respostas (21,98%). As religiões de matriz africana surgem como opção para 13 respondentes, havendo menção também a budismo, Daime, Gnose e islamismo, por exemplo. Esse quadro não corresponde aos números de pesquisas nacionais mais recentes sobre o assunto. O IBGE, cujo Censo está atrasado, publicou em

2012 um levantamento que mostrava que os católicos correspondiam, à época, a 64,6% da população, enquanto os evangélicos eram 22,2%.¹⁹

Nos últimos anos, esse quadro parece ter se alterado. O Instituto Datafolha, em pesquisa de 2020²⁰, apontou que o número de católicos tinha caído de 64,6% para 50% da população e os evangélicos chegavam a 31%. Os espíritas, nesse levantamento, eram apenas 3%. Já no Perfil do Jornalista Brasileiro no Centro-Oeste, o número de cristãos de denominações variadas (adventistas, presbiterianos, neopentecostais) é um pouco menor que dos espíritas (espiritualistas, kardecistas). Evidente que, nesse sentido, o levantamento em questão não tem as mesmas metodologias de pesquisas mais amplas e profundas sobre o tema, com as respostas mostrando, inclusive, contradições e superposições de credos e simultaneidade de crenças que inviabilizam a obtenção de números mais precisos quanto ao assunto.

¹⁹ C.f. CENSO 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Agência IBGE Notícias. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em 08 maio de 2023.

²⁰ C.f. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. G1. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 08 maio de 2023.



6. CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS DOS JORNALISTAS

Das 404 respostas válidas sobre filiação a sindicato, 64,1% afirmaram não estar filiado a nenhum sindicato; enquanto 35,9% faz parte de algum sindicato. A taxa de sindicalização está poucos pontos acima da média de sindicalização dos jornalistas, que é de 31,4%. Porém, nem todos os sindicalizados estão associados aos sindicatos dos jornalistas.

Tabela 84 - Você é filiada (o) a algum sindicato?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	158	35,9
Não	282	64,1
Total	440	100,0

Entre os que responderam à pergunta sobre o sindicato ao qual é filiado, a maioria (85,4%) afirmou estar filiado ao sindicato dos jornalistas. Outros 7,6% disseram que estão filiados ao sindicato dos professores. Uma taxa de 18,4% é correspondente aos sindicalizados de outras categorias. Esse índice é maior do que a média nacional de jornalistas sindicalizados a outro sindicato (13,3%) – que não seja dos próprios jornalistas ou de docentes -, possivelmente em virtude da presença de servidores públicos. Na lista dos outros sindicatos aos quais os jornalistas estão filiados, aparecem os dos Servidores Públicos (federais e estaduais), dos Servidores do Legislativo, dos Comerciantes, entre outros.

Tabela 85 - A qual(is) sindicato você é filiada(o)?

	Frequência	Porcentagem válida
Sindicato de jornalistas	135	85,4
Sindicato de professores	12	7,6

Sindicato de outra categoria. Qual?	29	18,4
Total de respondentes válidos	158	100,0
Total de respostas	334	

Tabela 85.1 - Outra categoria. Qual?

	Frequência
ABBP	1
Dos Empregados Públicos dos Conselhos de Profissão (Sindecop-DF)	1
Dos Servidores do Poder Legislativo	1
Legislativo	1
Profissionais técnicos do ensino superior estadual	1
Sercon	1
Servidores Federais	1
Servidores Públicos	2
Servidores Públicos Estaduais – Sindipúblico	1
Sinagências	1
SIND-MPU	1
Sindicato de Servidores Públicos Federais	1
Sindicato dos Comerciários do DF	1
Sindicato dos Servidores	1
Sindicato dos Servidores da UFG	1
Sindicato dos Servidores do Poder Legislativo – Sindilegis	1
Sindicato dos Servidores Públicos	2
Sindicato dos Técnicos Administrativos da Universidade Estadual de MS	1



Sindicato dos Trabalhadores em Rádio e TV, que eu me lembre.	1
Sindicato dos Urbanitários de Goiás, mas pretendo filiar ao Sindicato dos Jornalistas	1
Sindilegis	1
Sindipúblico	1
Sintsep - Sind. dos Trabalhadores no Serviço Público Federal	1
Tecnologia	1
Trabalhadores de Conselhos Profissionais	1
Trabalhadores do Legislativo	2

Ao justificar o motivo da não filiação ao sindicato dos jornalistas, a maioria dos respondentes afirmou não ter interesse (41,1%). Outros disseram que o sindicato não responde às demandas específicas da área de atuação (17%). Houve também quem afirmasse que não conhece o sindicato (16,3%) e quem dissesse que a diretoria não representa a categoria (6,4%). Um jornalista declarou que não há sindicato para a categoria dele.

Tabela 86 - Por que você não é filiada (o) ao sindicato da sua categoria?

	Frequência	Porcentagem válida
Não tenho interesse	116	41,1
Não conheço o sindicato	46	16,3
Não existe sindicato para minha categoria	1	0,4
Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação	48	17,0
Diretoria do sindicato não representa a categoria	18	6,4
Diretoria dificulta sindicalização	10	3,5
Outra (s) razão (ões). Qual (is)?	67	23,8
Total de respondentes válidos	282	100,0

Total de respostas	306	
--------------------	-----	--

Do total de respostas válidas, 23,8% dos jornalistas marcaram a opção de “outras razões”. Muitas respostas têm relação com duas perguntas fechadas: “Sindicato não responde às demandas específicas da minha área de atuação” e a “Diretoria do sindicato não representa a categoria”. Os respondentes reclamaram também da atuação do sindicato de maneira geral, não somente da diretoria, e fizeram críticas a um possível viés político-partidário nas ações do sindicato. Uma outra resposta que também apareceu de forma repetida foi a dificuldade de pagar mensalmente a filiação ao sindicato (“ainda não pude me filiar por questões financeiras”, “contribuição cara”, “dificuldades de pagamento”, “falta de dinheiro”, “financeira”, “muito cara a taxa de sindicalização”).

Tabela 86.1 - Outro motivo. Qual?

	Motivo
Não me sinto representada por ser de assessoria/ Enquanto assessora de comunicação, não me sinto contemplada pelo sindicato, ainda que reconheça sua importância. Gostaria muito que essa percepção, que compartilho com diversas colegas, mudasse./ Estive filiada por muitos anos enquanto estava em veículos mas em docência não vejo propósito./ Há pouca expressividade e preocupação em construir ações em prol a categoria./ Infelizmente o sindicato virou mais um partido político-ideológico radical do que representante da categoria./ Pelo fato de que já denunciei várias empresas onde trabalhei e nunca fizeram nada. Continuo recebendo abaixo do piso e trabalhando 40 semanais. Se fizessem algo por nós, se tivessem feito algo após as denúncias, eu me filiaria./ Sindicato pouco atuante	Baixa representatividade



<p>Ainda não pude me filiar por questões financeiras./ Contribuição cara./ Dificuldades de pagamento./ Falta de dinheiro (2 menções)./ Financeira (2 menções)./ Muito cara a taxa de sindicalização./ Orçamento apertado demais para ajudar na contribuição sindical./ Preço./ Valor da filiação</p>	<p>Custo elevado</p>
<p>Falta de conhecer a importância do sindicato./ Não gostei da resposta do sindicato quando fui em busca deles para me filiar. Apenas me enviaram boletos e fichas, não se mostraram dispostos a conversar e me explicar atuação e funcionamento./ Pedi filiação mas não obtive retorno satisfatório</p>	<p>Comunicação insuficiente</p>
<p>Apenas recentemente vi atuação do sindicato de maneira satisfatória./ Boa pergunta. Acho que não sinto efetividade talvez.../ O sindicato é pouco expressivo no DF e não oferece muitas vantagens</p>	<p>Irrelevância</p>
<p>Acompanho os trabalhos do sindicato por meio de grupos, mas só tive contato com eles na graduação./ Ainda estou pensando sobre isso./ Ainda não me sindicalizei, porém pretendo./ Ainda não procurei por mais informações./ Descuido./ Desmotivação./ Falta de interesse./ Imobilismo pessoal./ Não tenho isso entre as minhas prioridades de tempo e atividade./ Nunca fiz meu registro profissional apesar de já atuar na área a 30 anos./ Nunca parei para pensar sobre o assunto, mas posso me filiar futuramente./ Por descuido mesmo./</p>	<p>Desinteresse</p>
<p>Dificuldades logísticas/operacionais./ Já fiz uma tentativa, mas encontrei dificuldades para realizar a minha sindicalização</p>	<p>Burocratização</p>
<p>Ainda sou estudante/ Esperando me formar./ Falta de tempo./ Falta de tempo para correr atrás da filiação./</p>	<p>Outros</p>

Falta de tempo para me filiar. Irei fazer isso esse mês (espero)./ Falta tempo para participação de discussões./ Muita dor de cabeça./ Não há como fazer desconto em folha, teria de ir ao sindicato para pagar e acabo enrolando e não fazendo./ Não quero pagar./ Não sei./ Não sou formada ainda./ Não tem nenhum motivo./ Não tenho registro profissional./ Não tive a oportunidade, ainda./ Nenhum específico./ Falta de organização./ Preciso me organizar para isso./ Pretendo me filiar (2 menções)./ Recém-formada/ Sem DRT ainda./ Vou me filiar (2 menções)/ A diretoria não tem engajamento e vivem em uma bolha onde só eles têm voz./ Já fui sindicalizada. A gestão era desorganizada e adotou posturas com as quais não concordava

Das 430 pessoas que responderam sobre filiação a algum partido político, a grande maioria (91,6%) afirmou que não é filiada a nenhum partido político. No universo daqueles que são filiados, 15 legendas foram citadas. O mais citado foi o Partido dos Trabalhadores (2,8%), com 12 jornalistas filiados. Em seguida vem o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com 5 filiados (1,2%), e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), com 4 filiados (0,9%). Os demais partidos citados têm apenas um ou dois jornalistas filiados.

Assim como na pesquisa nacional, o engajamento político partidário dos jornalistas do Centro-Oeste reflete uma inclinação para partidos de esquerda.

Tabela 87 - Você é filiada (o) a algum partido político? Se sim, indique qual.

	Frequência	Porcentagem válida
Não sou filiada (o) a partido político	394	91,6
AVANTE	1	0,2
DEM	1	0,2
MDB	1	0,2



PCB	1	0,2
PCdoB	2	0,5
PDT	4	0,9
PP	1	0,2
PSB	2	0,5
PSD	1	0,2
PSOL	5	1,2
PT	12	2,8
PTB	2	0,5
PV	1	0,2
REDE	1	0,2
REPUBLICANOS	1	0,2
Total	430	100,0

Quanto ao posicionamento ideológico, os jornalistas do Centro-Oeste, de fato, estão mais inclinados à esquerda. Do total de respondentes, a maioria afirmou ser de esquerda (46,5%) e outros 30,9% disseram se definir como centro-esquerda. Outros 5,3% afirmaram posicionamento ideológico de centro, seguido de 3,5% de centro-direita e 2,8% de direita. Mesmo com a inclinação da maioria para a esquerda, ainda apareceu um jornalista associado à extrema direita.

Tabela 88 - Como você define seu posicionamento ideológico?

	Frequência	Porcentagem válida
Outro. Qual?	9	2,1
Centro	23	5,3



Centro-direita	15	3,5
Centro-esquerda	133	30,9
Direita	12	2,8
Extrema direita	1	0,2
Esquerda	200	46,5
Não quero informar	37	8,6
Total	430	100,0

Tabela 88.1 - Outro. Qual?

	Frequência
Anarquista	1
Conservadora	1
Decepcionada	1
Liberal	1
Não me reconheço em nenhuma ideologia política atual	1
Posicionamento de brasileira que tenta refletir sobre a realidade e os acontecimentos.	1
Que pergunta maliciosa. Fiz o juramento na defesa da informação ética para a sociedade.	1
Sem posição definida.	1
Sou contra estes dois extremos que encontramos no Brasil. Sou a favor da democracia e não Lula nem Bolsonaro.	1

Entre os respondentes, 2,1% afirmaram ter um outro posicionamento político (Tabela 77.1). Ao responder à pergunta aberta, vieram as respostas: “anarquista”, “conserva-



dora”, “decepcionada”, “liberal” e outras que tentavam não se associar politicamente a nenhuma corrente. Em uma delas, o respondente ainda fez uma crítica à pergunta, afirmando ser um questionamento malicioso, já que fez um juramento em defesa da informação ética para a sociedade, expressando a suposta ideia de neutralidade e imparcialidade do jornalista, valores ainda muito presentes nos discursos de profissionais e da própria sociedade. Outras respostas também mostraram isso, como: “posicionamento de brasileira que tenta refletir sobre a realidade e os acontecimentos” e “sou contra estes dois extremos que encontramos no Brasil. Sou a favor da democracia e não Lula nem Bolsonaro”.

Na pergunta sobre a atuação em algum tipo de associação ou organização social (Tabela 78), a maioria dos jornalistas afirmou que nunca atuou (38,4%) e outros disseram que já atuaram, mas não atuam mais (33,3%). O somatório de 71,7% aponta que, no momento, a grande maioria dos jornalistas do Centro-Oeste não está engajada em nenhuma causa social, seguindo a média nacional nesse quesito.

Entre os que estão atuando, a maioria está ligada a alguma associação ou organização relacionada à religião (7,2%) e à educação e pesquisa (6,7%). No caso da religião, isso talvez esteja relacionado ao crescimento evangélico no Brasil nos últimos anos. No caso da educação e pesquisa, isso possivelmente deve corresponder à quantidade de jornalistas docentes que responderam ao questionário. Em seguida, estão os respondentes que afirmaram estar associados a alguma organização de assistência social (4,9%), outros segmentos (4,2%), desenvolvimento e defesa de direitos (4%), associações patronais e/ou profissionais (3,7%), cultura e recreação (3,3%), meio ambiente (2,3%), proteção animal (1,2%) e saúde (0,2%).

Tabela 89 - Você atua em algum tipo de associação ou organização social?

	Frequência	Porcentagem válida
Não atuo, mas já atuei	143	33,3
Nunca atuei	165	38,4
Sim, Assistência social	21	4,9
Sim, Associações patronais e/ou profissionais	16	3,7

Sim, Cultura e recreação	14	3,3
Sim, Desenvolvimento e defesa de direitos	17	4,0
Sim, Educação e pesquisa	29	6,7
Sim, Meio ambiente	10	2,3
Sim, Proteção animal	5	1,2
Sim, Religião	31	7,2
Sim, Saúde	1	0,2
Sim, em outro segmento. Qual?	18	4,2
Total de respondentes válidos	430	100,0
Total de respostas	900	

Entre os que afirmaram outros segmentos, os que mais apareceram foram os movimentos de mulheres. Estão na lista os movimentos de mulheres negras e de mães pela diversidade (defesa aos filhos LGBTQIA+). Também apareceram associações jurídicas, sindicais, de comunicação comunitária e de jornalismo independente.

Tabela 89.1 - Outro segmento. Qual?

	Frequência
ARUC - Associação Recreativa e Cultural Unidos do Cruzeiro/DF	1
Assistencial espírita	1
Associação	1
Associação jurídica	1
Comunicação	1
Diretor de Relações Institucionais	1
Jurídico	1
Mães pela Diversidade MT - de defesa dos nossos filhos LGBTQIA+	1



Movimento comunitário	1
Movimento de Mulheres negras	2
Mulheres	1
Rádio comunitária	1
Sindical	1
Solidariedade internacional	1
Sou colaboradora voluntária em diversos projetos.	1
Tecnologia	1
Veículo independente de jornalismo	1

7. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO, INDICADORES DE PRECARIZAÇÃO E VALORES ÉTICOS

Ao final da pesquisa foram disponibilizadas algumas perguntas complementares com o objetivo de melhor compreender as questões ligadas às condições de trabalho, saúde e valores éticos. E foi questionado ao respondente se gostaria ou não de continuar a responder o questionário complementar. E, apesar de 347 pessoas responderem “Sim, eu quero continuar” (80,9%) e apenas 19,1% responderem “Não, quero encerrar aqui”, este número de respondentes caiu de 347 para 329. Vale ressaltar, ainda, que na Tabela 90 apenas 322 responderam à questão sobre se “vivem sozinho ou não”. Mas nas questões posteriores o número de respondentes estabilizou em 329.

A Tabela 90 apresenta elementos sobre a vida pessoal dos jornalistas, sendo que 50% dos respondentes declararam viver sozinhos; 50% declararam ter um(a) parceiro(a), e informaram sua profissão.

Tabela 90 - Se você for casada (o) ou vive com companheiro (a), indique a profissão dele (a):

	Frequência	Porcentagem válida
Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):	161	50,0
Vivo sozinho (o)	161	50,0
Total	322	100,0

A categorização das respostas qualitativas sobre as ocupações dos parceiros considerou seis categorias de pessoas que atuam: a) no jornalismo (inclui jornalista e fotógrafo); b) em áreas no campo da comunicação, marketing e cultura (Consultor de Comunicação, Assessora de Comunicação, Editor de Audiovisual, Especialista em Marketing e Inteligência de Mercado, Publicitário, e outros); c) em outras profissões ou ocupações de ensino superior; d) em profissões ou ocupações sem ensino superior; e) como empresários ou gestores; e f)



em outras áreas de difícil classificação ou estão desempregados (Tabela 90.1).

Entre aqueles que responderam que têm um parceiro, 19,9% declararam viver com uma pessoa que atua no campo do jornalismo; 6,3% se relacionam com pessoas do domínio da comunicação/cultura. E a maioria de 47,1% vive com pessoas que não são nem do jornalismo e nem da área da comunicação.

Metade dos respondentes declararam viver sozinhos. Isso parece ir na direção de um cenário de jornalistas cada vez mais jovens na profissão e por indivíduos na fase inicial da carreira. Para um detalhamento dessas constatações seria necessário cruzar esse conjunto de respostas com variáveis como idade, estado civil e remuneração.

Tabela 90.1 - Parceira (o) trabalha com (digite o nome da profissão):

Categorias	Respostas abertas	Frequência	Porcentagem válida
Jornalismo	Jornalista (29), Fotógrafo (3)	32	19,9
Outras atividades na Comunicação	Comunicação (1), Consultor de Comunicação (1), Assessora de Comunicação (1), Editor de Audiovisual (1), Especialista em Marketing e Inteligência de Mercado (1), Analista em Marketing Digital (1), Marketing (1), Publicitário (3).	10	6,3
Outras profissões ou ocupações de nível superior	Administrador (3), Advocacia (9), Analista (1), Analista em Informática (1), Analista de Projetos (1), Analista em Sistemas (2), Arquitetura (1), Contabilidade (2), Economista (1), Enfermeira (1), Engenharia (3), Fisioterapeuta (2) Geógrafo (1), Magistério (1), Médica (1), Museólogo (2), Pedagogia (1), Professor (15), Psicologia (3), Tecnologia (1), Tecnologia da Informação (2), Educação Física (1).	57	35,4

Empresários/as e ou dirigentes	Microempresária (1), Empresário (5), Empreendedora (1),	7	4,4
Outros	Aposentado (5), Docência (1), Direito (1), Auxiliar Educacional (1), Assessor Parlamentar (1), Consultor Político (1), Estudante (3), Investigador da Polícia Civil (1), Militar (3), Músico (1), Produtor Cultural de Eventos (1), Servidor Público (18), RH (1), Serviços Financeiros (1), Relações Governamentais (1)	40	24,9
Outras profissões ou ocupações de sem nível superior	Artesão (1), Desempregado (2), Bombeiro (1), Comércio (3), Construção Civil (1), Cozinheiro (1), Do lar (2), Economiário (1), Mecânico (1), Técnica em Enfermagem (1), Material Cirúrgico (1).	15	9,4
Total		161	100,0

Após serem analisadas as profissões dos parceiros dos respondentes, das Tabelas de 91.1 a 91.14, com o método de *Escala Likert*, os respondentes puderam avaliar as suas condições de trabalho, a partir de afirmações autodescritivas sobre a situação e a precarização do trabalho jornalístico. O enunciado solicita que o respondente mensure 14 indicativos, relacionados ao trabalho principal que exercem, levando em conta aspectos sobre a intensidade e ritmo de trabalho, organização e tempo na realização das atividades, a comunicação com os colegas, equipamentos e condições materiais, a participação e liberdade na tomada de decisões, entre outros indicativos sobre precarização das condições trabalhistas.

Quando questionados se o ritmo de trabalho era muito intenso (Tabela 91.1), 73,80% dos respondentes estavam de acordo com a afirmação, sendo que 42,2% concordaram totalmente e 31,6% parcialmente. Apenas 14,2% discordaram que o ritmo do trabalho não é intenso, sendo que 11,2% discordaram parcialmente e apenas 3% discordaram totalmente, e 10,9% nem discordaram e nem concordaram. E 0,9% disseram que a questão não se aplica.



Tabela 91.1 - O ritmo de trabalho é muito intenso

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	139	42,2
Concordo parcialmente	104	31,6
Nem concordo, nem discordo	36	10,9
Discordo parcialmente	37	11,2
Discordo totalmente	10	3,0
Não se aplica	3	0,9
Total	329	100,0

Em relação à pressão vivenciada por causa dos prazos para cumprir o trabalho (Tabela 91.2), a maioria dos jornalistas, 67,5%, concorda que o prazo exerce pressão sobre seu trabalho, sendo que 31,9% concordaram totalmente e 35,6% concordaram parcialmente. E 18,3% discordaram da afirmação (11,2% discordam parcialmente e 3% discordam totalmente) e 13,1% não concordaram nem discordaram. Para 1,2%, a questão não se aplica.

Tabela 91.2 - As tarefas sempre são cumpridas com pressão de prazos

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	105	31,9
Concordo parcialmente	117	35,6
Nem concordo, nem discordo	43	13,1
Discordo parcialmente	45	13,7
Discordo totalmente	15	4,6
Não se aplica	4	1,2
Total	329	100,0

A precarização do trabalho dos jornalistas tem se acentuado ano a ano. Sendo um trabalho desenvolvido em equipe e de forma colaborativa, ter equipes insuficientes leva ao acúmulo de funções e, mais responsabilidades. Isso gera equipes cada vez mais sobrecarregadas. A redução constante e contínua de pessoal impacta diretamente na qualidade de vida do profissional jornalista.

Com o objetivo de compreender como estas situações estão se desenvolvendo no mercado de trabalho, foi perguntado aos respondentes se o número de pessoas na equipe era suficiente para realização das atividades (Tabela 91.3). E 66,5% dos jornalistas concordaram que o número de pessoas na equipe é insuficiente para realização das atividades (40,4% concordaram totalmente e 26,1% concordaram parcialmente); 10,6% discordaram parcialmente, 11,2% nem concordaram nem discordaram e 8,5% discordaram totalmente. Para 2,7%, essa pergunta não se aplica.

Tabela 91.3 - O número de pessoas na equipe é insuficiente para realizar as atividades

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	133	40,4
Concordo parcialmente	86	26,1
Nem concordo, nem discordo	29	8,8
Discordo parcialmente	35	10,6
Discordo totalmente	37	11,2
Não se aplica	9	2,7
Total	329	100,0

Para investigarmos as condições do trabalho jornalístico, questionamos sobre a falta de tempo para pausa e descanso entre o desenvolvimento de uma atividade e outra, ou seja, pequenos intervalos que possibilitem o descanso entre as tarefas profissionais. A ausência de pausas demonstra a perda da qualidade de vida do profissional que precisa desempenhar seu trabalho constantemente sem descanso.



Este é um indicador importante para avaliarmos a precarização do trabalho (Tabela 91.4). Para a maioria deles, 51,6%, falta tempo para realizar pausas de descanso, sendo que 25,8% concordam totalmente e 25,8% concordam parcialmente. Apenas 33,1% discordam da afirmação de que não há tempo para realizar pausas de descanso (16,7% discordam totalmente e 16,4% discordam parcialmente). Sendo que 11,9% nem concordam nem discordam e para 3,3%, a pergunta não se aplica.

Vale ressaltar que há diferenças nas pausas para descanso de acordo com cada atividade profissional jornalística. Ou seja, depende do desenvolvimento de cada atividade e do tipo de organização em que o profissional desempenha suas funções (veículos de mídia, organizações diversas e Universidades).

Tabela 91.4 - Falta tempo para realizar pausas de descanso

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	85	25,8
Concordo parcialmente	85	25,8
Nem concordo, nem discordo	39	11,9
Discordo parcialmente	54	16,4
Discordo totalmente	55	16,7
Não se aplica	11	3,3
Total	329	100,0

As respostas dadas sobre o número de trabalhadores na equipe indicaram que a maioria dos jornalistas (43,8%) considera injustas as distribuições das tarefas, outros 17,6% não concordam nem discordam dessa afirmação. Mais de um terço dos entrevistados (34%) não concordam com essa assertiva, enquanto para 4,6% não se aplica essa afirmação. Os dados parecem apontar para certo conformismo com as condições precárias de trabalho pelos profissionais, uma vez que a maioria se considera sobrecarregada. Por outro lado, os dados também podem indicar que a ideia sobre distribuição desigual de tarefas pode estar relacionada

com o fato de que, na divisão do trabalho, há os que naturalmente se empenham mais, participam mais e assumem mais responsabilidades do que os outros. Nesse caso, haveria uma falha no gerenciamento da distribuição das tarefas por acúmulo para uns e omissão de outros na escala de trabalho. Mas é preciso avaliar também que diante dos constantes cortes de mão-de-obra nas redações, pode sim estar havendo um acúmulo de atividades por parte de cada profissional que se mantém no trabalho.

Tabela 91.5 - A distribuição de tarefas é injusta

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	68	20,7
Concordo parcialmente	76	23,1
Nem concordo, nem discordo	58	17,6
Discordo parcialmente	53	16,1
Discordo totalmente	59	17,9
Não se aplica	15	4,6
Total	329	100,0

Quase metade dos jornalistas (48,3%) concorda com a assertiva: "*Levo trabalho para terminar em casa com frequência*". Destes, 26,4% concordam totalmente, 21,9%, concordam parcialmente e apenas 9,7%, nem concordam e nem discordam. É um número preocupante, pois pode significar tanto retrabalho quanto trabalho extra, provavelmente não remunerado, ou seja, horas-extras não contabilizadas para o trabalhador. É preciso investigar mais detidamente, pois, na pesquisa do Perfil dos Jornalistas Brasileiros de 2022 – ainda sobre os efeitos da pandemia, havia uma tendência de trabalho *home office* ou híbrido, e um dos fenômenos pós-pandemia foi exatamente o aumento de tempo de trabalho em casa em várias categorias de profissionais liberais, nas quais se incluem também os jornalistas. Um terço (31%) discorda, sendo 13,4% discordando parcialmente e 17,6% discordando totalmente. Para 10,9% a pergunta não se aplica (Tabela 91.6).



Tabela 91.6 - Levo trabalho para terminar em casa com frequência

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	87	26,4
Concordo parcialmente	72	21,9
Nem concordo, nem discordo	32	9,7
Discordo parcialmente	44	13,4
Discordo totalmente	58	17,6
Não se aplica	36	10,9
Total	329	100,0

Uma maioria bem definida (52%) respalda as condições de trabalho e discorda da assertiva "*Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual*". Um pouco mais de um quarto dos entrevistados (26,7%) concordam com a afirmação de que as condições são ruins. Dos que discordam, mais de um terço (35,9%) discordam totalmente, outros 16,1%, discordam parcialmente e 11,9% nem discordam, nem concordam. Já entre os que concordam que as condições são ruins, 11,2% concordam totalmente, 15,5%, parcialmente 9,4% consideram que não se aplica este questionamento (Tabela 91.7).

Tabela 91.7 - Considero como ruins as condições de infraestrutura, iluminação e climatização do meu ambiente de trabalho atual

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	37	11,2
Concordo parcialmente	51	15,5
Nem concordo, nem discordo	39	11,9
Discordo parcialmente	53	16,1

Discordo totalmente	118	35,9
Não se aplica	31	9,4
Total	329	100,0

Para a maioria dos entrevistados (52,6%) os equipamentos de trabalho são satisfatórios, enquanto 32% apoiam a afirmação: "*Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons*". Dos que estão satisfeitos com os equipamentos, 32,2% discordam totalmente, 20,4%, parcialmente e 9,7% não concordam e nem discordam. Entre os satisfeitos, 11,6% concordam totalmente que os equipamentos não são bons, 20,4% concordam parcialmente e apenas 5,8% consideram que a questão não se aplica.

Tabela 91.8 - Os equipamentos que utilizo, como computador, câmera fotográfica etc. não são bons

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	38	11,6
Concordo parcialmente	67	20,4
Nem concordo, nem discordo	32	9,7
Discordo parcialmente	67	20,4
Discordo totalmente	106	32,2
Não se aplica	19	5,8
Total	329	100,0

Ainda sobre a investigação da infraestrutura e da sua relação com a atividade e o desempenho profissional, mais da metade dos respondentes discordam que isso afete negativamente o seu desempenho profissional, ou seja, 52,9% (38% discordam totalmente e 14,9% parcialmente). Outros 26,4% afirmaram que sim, que a infraestrutura afeta o desempenho no trabalho (18,5% concordam parcialmente e 7,9% totalmente), enquanto 13,7%



nem concordam nem discordam e 7% disseram que a questão não se aplica (Tabela 91.9). As respostas indicam que grande parte dos jornalistas do Centro-Oeste tem equipamentos e a infraestrutura necessária para a realização da sua atividade profissional, de modo que seu desempenho não é afetado.

Tabela 91.9 - A infraestrutura de trabalho disponível afeta negativamente meu desempenho profissional

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	26	7,9
Concordo parcialmente	61	18,5
Nem concordo, nem discordo	45	13,7
Discordo parcialmente	49	14,9
Discordo totalmente	125	38,0
Não se aplica	23	7,0
Total	329	100,0

Os dados apresentados na Tabela 91.10 indicam insatisfação em relação à valorização profissional, com 44,6% dos entrevistados concordando com a afirmação: "*Me sinto desvalorizada (o) no trabalho porque meu esforço não é devidamente reconhecido*". Desses, um quarto (25,5%) concorda parcialmente e 19,1% concordam totalmente com a assertiva. Na outra ponta, 35,3% discordam, sendo que 23,4% discordam totalmente, 11,9%, parcialmente e 16,7% não discordam, nem concordam, tendo 3,3% que responderam que a questão não se aplica.

Tabela 91.10 - Me sinto desvalorizada (o) no trabalho porque meu esforço não é devidamente reconhecido

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	63	19,1
Concordo parcialmente	84	25,5
Nem concordo, nem discordo	55	16,7
Discordo parcialmente	39	11,9
Discordo totalmente	77	23,4
Não se aplica	11	3,3
Total	329	100,0

Quando questionados sobre suas qualificações para o exercício das atividades que executam, mais da metade, ou seja, 58,9%, se diz suficientemente treinado (a), para executá-las (39,8% discordam totalmente e 19,1% parcialmente). Apenas 23,4% concordam que não se sentem suficientemente treinados para a execução de suas atividades (17% concordam parcialmente e 6,4% totalmente). Sendo que 14% nem concordam nem discordam e para 3,6% a questão não se aplica (Tabela 91.11).

Tabela 91.11 - Não me sinto suficientemente treinada (o) para as atividades que executo

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	21	6,4
Concordo parcialmente	56	17,0
Nem concordo, nem discordo	46	14,0
Discordo parcialmente	63	19,1



Discordo totalmente	131	39,8
Não se aplica	12	3,6
Total	329	100,0

Quando perguntados sobre não ter liberdade para expressar opiniões, pensamento e dizer o que pensam no ambiente de trabalho, mais da metade (55,9%) discordaram dessa afirmação (39,8% discordaram totalmente e 19,1% parcialmente). Apenas 27% afirmaram concordar com essa situação nos seus trabalhos, sendo que 17,9% concordam parcialmente e 9,1% totalmente. Outros 13,7% nem concordam nem discordam e para 3,3% a questão não se aplica (Tabela 91.12).

Tabela 91.12 - Não tenho liberdade para expressar opiniões/pensamento dizer o que penso sobre meu trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	30	9,1
Concordo parcialmente	59	17,9
Nem concordo, nem discordo	45	13,7
Discordo parcialmente	74	22,5
Discordo totalmente	110	33,4
Não se aplica	11	3,3
Total	329	100,0

Quando investigados sobre o clima organizacional e as relações no trabalho, a maioria dos profissionais (69,3%) discorda que essas relações sejam difíceis (52% discordam totalmente e 17,3% parcialmente) (Tabela 91.13). Enquanto que 17,4% concordam que o clima, em seus trabalhos, não seja tão bom assim (13,4% concordam parcialmente, 4% totalmente) e 7,9% não concordam nem discordam. Para 5,5%, a questão não se aplica.

Tabela 91.13 A convivência com meus colegas é difícil

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	13	4,0
Concordo parcialmente	44	13,4
Nem concordo, nem discordo	26	7,9
Discordo parcialmente	57	17,3
Discordo totalmente	171	52,0
Não se aplica	18	5,5
Total	329	100,0

Em relação à participação dos profissionais na tomada de decisões que afetam sua equipe de trabalho (Tabela 91.14), os dados mostram que 34,8% vivenciam ambientes de trabalho em que são excluídos das decisões (18,5% concordam parcialmente e 16,3% totalmente com a afirmação). Por sua vez, 37,6% discordam da afirmação (21,9% discordam totalmente e 15,7% parcialmente), enquanto 14,1% nem concordam nem discordam. Para 7,3%, a questão não se aplica.

Tabela 91.14 - Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	57	17,3
Concordo parcialmente	70	21,3
Nem concordo, nem discordo	45	13,7
Discordo parcialmente	54	16,4
Discordo totalmente	79	24,0



Não se aplica	24	7,3
Total	329	100,0

As próximas oito questões (Tabelas de 92.1 a 92.8) reúnem a mensuração sobre a qualidade de vida dos profissionais quanto a sua relação familiar. Com intuito de avaliar como a vida profissional afeta a vida pessoal e doméstica do profissional, foram levantadas questões sobre se há limites entre vida familiar e trabalho, a existência de uma comunicação aberta na família sobre o trabalho, se o empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família, se o profissional consegue planejar, gerir e priorizar vida pessoal e familiar, se há tempo para cuidar dele mesmo (a), se trabalham em um ambiente saudável, se realizam uma avaliação contínua entre a vida pessoal e familiar e se a atividade profissional influencia negativamente na atual situação conjugal.

No primeiro enunciado, a maioria (59%) concorda que consegue estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral, sendo que 24% concordam totalmente e 35% parcialmente com essa afirmativa. Um terço dos respondentes, 31,3%, discordam que não consigam estabelecer estes limites (21% discordam parcialmente e 10,3% totalmente), enquanto 8,8% nem discordam nem concordam. Para 0,9% a questão não se aplica. Ainda continua alto o número de trabalhadores que não consegue fazer a separação entre vida profissional e a vida doméstica, e observando os dados de 2022, este número é ainda maior do que a pesquisa do Perfil dos Jornalistas, publicada naquele ano.

92.1 - Consigo estabelecer limites claros entre vida familiar e laboral

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	79	24,0
Concordo parcialmente	115	35,0
Nem concordo, nem discordo	29	8,8
Discordo parcialmente	69	21,0
Discordo totalmente	34	10,3

Não se aplica	3	0,9
Total	329	100,0

A maior parte dos jornalistas, 84,2%, consegue falar abertamente sobre seu trabalho no ambiente familiar (59,3% concordam totalmente e 24,9% parcialmente) e apenas 7,3% não conseguem (discordam parcialmente 5,8% e totalmente 1,5%); 0,9% responderam que a questão não se aplica (Tabela 92.2). Os dados parecem indicar a liberdade de partilhar as experiências vividas no ambiente e no trabalho com seus familiares.

Tabela 92.2 - Consigo falar abertamente da minha atividade laboral no ambiente familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	195	59,3
Concordo parcialmente	82	24,9
Nem concordo, nem discordo	25	7,6
Discordo parcialmente	19	5,8
Discordo totalmente	5	1,5
Não se aplica	3	0,9
Total	329	100,0

Em relação aos estímulos oferecidos pelo empregador para melhorias na qualidade de vida do trabalhador e de sua família, os resultados mostram que há pouco incentivo por parte das organizações para que os profissionais possam balancear a relação entre trabalho e ambiente familiar. No total, 42,2% discordam, sendo 25,5% totalmente e 16,7% parcialmente; 24,3% concordam com a assertiva (15,8% concordam parcialmente e 8,5% totalmente); enquanto 21,9% nem concordam nem discordam. Para 11,6%, a questão não se aplica (Tabela 92.3).



Tabela 92.3 - Meu empregador oferece um sistema de incentivo a uma relação balanceada entre trabalho e família

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	28	8,5
Concordo parcialmente	52	15,8
Nem concordo, nem discordo	72	21,9
Discordo parcialmente	55	16,7
Discordo totalmente	84	25,5
Não se aplica	38	11,6
Total	329	100,0

Quanto à prioridade da vida pessoal em relação à atividade laboral, 49,6% dos respondentes concordam que o empregador oferece um sistema de incentivo à relação balanceada entre trabalho e família (20,4% concordam parcialmente e 29,2% totalmente), enquanto 12,8% não concordam nem discordam da afirmação. Por sua vez, 36,8% discordam da afirmação (21,6% discordam parcialmente e 15,2% totalmente). Para apenas 0,9% a questão não se aplica (Tabela 92.4). Este dado revela a dificuldade de um terço dos jornalistas em ter a vida pessoal como prioridade em detrimento do trabalho. O trabalho é o meio pelo qual o trabalhador sustenta a si e a família, mas quando há sobreposição desse à vida pessoal, ele pode se tornar fonte de adoecimentos e sofrimento para o trabalhador. Isso porque a falta de tempo para planejar o futuro e gerir a própria vida impacta na sensação de realização ou de esgotamento do profissional, que afetam as relações sociais e a saúde dos jornalistas.

Tabela 92.4- Consigo planejar, gerir e priorizar minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	67	20,4
Concordo parcialmente	96	29,2
Nem concordo, nem discordo	42	12,8
Discordo parcialmente	71	21,6
Discordo totalmente	50	15,2
Não se aplica	3	0,9
Total	329	100,0

No que se refere à concordância dos jornalistas quanto a ter tempo para cuidar de si mesmos, 52,3% concordam com a assertiva (31,0% concordam parcialmente e 21,3% totalmente), enquanto 36,5% discordam (21,6% discordam parcialmente e 14,9% totalmente), indicando não terem tempo. Outros 14,9% não concordam nem discordam e para 0,6% não se aplica. Novamente os dados mostram que um terço dos profissionais têm o trabalho como prioridade em suas vidas e que isso impacta negativamente em sua qualidade de vida (Tabela 92.5).

Tabela 92.5 - Tenho tempo para cuidar de mim mesma(o)

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	70	21,3
Concordo parcialmente	102	31,0
Nem concordo, nem discordo	35	10,6
Discordo parcialmente	71	21,6
Discordo totalmente	49	14,9
Não se aplica	2	0,6



Total	329	100,0
-------	-----	-------

Em relação ao clima organizacional (Tabela 92.6), 58,0% dos jornalistas concordam que trabalham em um ambiente saudável (24,0% concordam totalmente e 34%, concordam parcialmente). 15,5% não concordam nem discordam. Porém, 25,0% discordam da afirmação (13,4% discordam parcialmente e 11,6% discordam totalmente) e para 1,5% a questão não se aplica.

Tabela 92.6 - Trabalho em um ambiente saudável

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	79	24,0
Concordo parcialmente	112	34,0
Nem concordo, nem discordo	51	15,5
Discordo parcialmente	44	13,4
Discordo totalmente	38	11,6
Não se aplica	5	1,5
Total	329	100,0

A maioria dos jornalistas, 55,8% concorda com a afirmação *“Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar”*, porém, 22,5% discordam da assertiva (12,2% discordam parcialmente e 10,3% totalmente), percentual que reforça os dados indicados nas tabelas anteriores quanto à sobreposição do trabalho à vida pessoal em que 14,6% nem concordam nem discordam (Tabela 92.7)

Tabela 92.7 - Realizo uma avaliação contínua da minha vida pessoal e familiar

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	91	27,7
Concordo parcialmente	109	33,1
Nem concordo, nem discordo	48	14,6
Discordo parcialmente	40	12,2
Discordo totalmente	34	10,3
Não se aplica	7	2,1
Total	329	100,0

Quando questionados sobre os impactos da atividade laboral sobre sua situação conjugal, 41,9% discordaram da afirmação *"Minha atividade profissional influencia negativamente"*, mas 20,7% dos respondentes concordaram com a assertiva (6,1% concordam totalmente e 14,6% concordam parcialmente), enquanto 12,5% nem concordam nem discordam. Para quase 1/4 dos respondentes (24,9%), a questão não se aplica (Tabela 92.8)

Tabela 92.8 - Minha atividade profissional influencia negativamente na minha atual situação conjugal

	Frequência	Porcentagem válida
Concordo totalmente	20	6,1
Concordo parcialmente	48	14,6
Nem concordo, nem discordo	41	12,5
Discordo parcialmente	37	11,2
Discordo totalmente	101	30,7



Não se aplica	82	24,9
Total	329	100,0

Quando submetidos à pergunta "*Me senti alegre e bem disposta (o)*" (Tabela 93.1), 56,3% dos entrevistados responderam de maneira assertiva que se sentem alegres e bem dispostos, sendo que 4,3% afirmam "todo o tempo", 24,3% "a maior parte do tempo" e 27,7% "mais da metade do tempo". Menos de um quinto dos entrevistados (19,5%) disse que se sente alegre menos da metade do tempo; 21,3% disseram que "às vezes" se sentem alegres e bem dispostos e 3% foram enfáticos e disseram que "nunca" estão alegres e bem dispostos.

Tabela 93.1 - Me senti alegre e bem disposta (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	14	4,3
A maior parte do tempo	80	24,3
Mais da metade do tempo	91	27,7
Menos da metade do tempo	64	19,5
Algumas vezes	70	21,3
Nunca	10	3,0
Total	329	100,0

Em relação à expressão "*Me senti calma (o) e tranquila (o)*", 51,1% tem sensação mais positiva que negativa, sendo 27,4% se julga nesta condição "mais da metade do tempo", 20,7% "a maior parte do tempo" e 3% "todo o tempo". Um quinto (25,2%) se considera "calmo e tranquilo" apenas metade do tempo, 18,5%, algumas vezes e 5,2% respondeu "nunca" (Tabela 93.2).

Tabela 93.2 - Me senti calma (o) e tranquila (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	10	3,0
A maior parte do tempo	68	20,7
Mais da metade do tempo	90	27,4
Menos da metade do tempo	83	25,2
Algumas vezes	61	18,5
Nunca	17	5,2
Total	329	100,0

No que diz respeito à capacidade de se sentir ativo (a) ou com energia para o trabalho, a maioria das respostas (55,4%) indica que sim, pois 4,3% afirmam que está nesta condição “todo o tempo”, outros 23,4%, “a maior parte do tempo”, com 27,7% “mais da metade do tempo”. Por outro lado, 44,7% não se veem assim com tanta energia para o trabalho, com 22,5% de respostas “menos da metade do tempo” e 17% “algumas vezes” e 5,2% que disseram “nunca”. É preciso avaliar se essas respostas que indicam falta de energia para a atividade laboral têm correlação com outros aspectos analisados nas tabelas anteriores como ritmo de trabalho intenso (Tabela 91.1), equipes insuficientes (Tabela 91.3), trabalhos que são levados para casa (Tabela 91.6), distribuição de tarefas injustas (Tabela 91.4), pressão por prazos apertados (Tabela 91.2) e os sentimentos de falta de valorização e reconhecimento profissional (Tabela 91.10).

Tabela 93.3- Me senti ativa (o) e enérgica (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	14	4,3
A maior parte do tempo	77	23,4
Mais da metade do tempo	91	27,7



Menos da metade do tempo	74	22,5
Algumas vezes	56	17,0
Nunca	17	5,2
Total	329	100,0

Na Tabela 93.4 há uma situação que pode corroborar para as respostas dos dados anteriores da Tabela 93.3, em que impressionantes 66,6% discordam total ou parcialmente da assertiva “Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)”. Outros 28,3% disseram que têm essa sensação “menos da metade do tempo”, 25,5% “algumas vezes” e 12,8% “nunca”. Dos 33,4% que concordam total ou parcialmente com a afirmação, apenas 2,1% responderam “todo o tempo”, 15,2% “a maior parte do tempo” e 16,1% mais da metade do tempo.

Os dados parecem mostrar um aspecto contraditório nas Tabelas 93.3 e 93.4, se na primeira 55,4% dizem que se sentem “ativas (os) e enérgicas (os)” para atividade laboral e na outra 66,6% consideram que não acordam totalmente relaxados (as) e repousados (as). Se não conseguem relaxar e descansar adequadamente, como podem ter energia para realizar o trabalho? Uma possibilidade é que os dados da Tabela 93.3 tenham a ver com os constantes energéticos como cafés e estimulantes comumente usados por jornalistas²¹, o que também dificulta o descanso e o relaxamento necessário para o refazimento cotidiano. Podemos incluir também a energia e a disposição para trabalho como consequência de senso de engajamento com o trabalho por parte do profissional, assim como, senso de coletividade e de grupo.

²¹ Cafés e outros estimulantes são conhecidos dos jornalistas desde a formação universitária e integram um universo de práticas compartilhadas dentro de uma cultura profissional da tribo jornalística (Traquina, 2005).

Tabela 93.4 - Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	7	2,1
A maior parte do tempo	50	15,2
Mais da metade do tempo	53	16,1
Menos da metade do tempo	93	28,3
Algumas vezes	84	25,5
Nunca	42	12,8
Total	329	100,0

A Tabela 93.5 revela que a maioria dos entrevistados (51,4%) não concorda total ou parcialmente com a questão: *“Meu dia a dia tem sido preenchido com coisas que me interessam”*. Dos que discordam, 23,4% se sentem satisfeitos por coisas que lhes interessam “menos da metade do tempo”, 22,2% disseram “algumas vezes” e 5,8%, “nunca”. Entre os 48,7% que concordam total ou parcialmente, 22,2% tem essa sensação de preenchimento “menos da metade do tempo”, 21,9% “a maior parte do tempo” e somente 4,6% “todo o tempo”.

Tabela 93.5 - Meu dia a dia tem sido preenchido com coisas que me interessam

	Frequência	Porcentagem válida
Todo o tempo	15	4,6
A maior parte do tempo	72	21,9
Mais da metade do tempo	73	22,2
Menos da metade do tempo	77	23,4
Algumas vezes	73	22,2



Nunca	19	5,8
Total	329	100,0

Na Tabela 94.1 são analisados aspectos relativos a dores e desconfortos laborais, que podem ser indicativos da falta e/ou necessidade do uso de equipamentos ergonômicos, mas também aos períodos excessivos de trabalho, estresse e cansaço, já que 49,6% responderam que sentem “dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...). Deste total de reclamações, 29,5% responderam que sentem dores “com frequência” e 20,1%, “diariamente”. Cerca de um terço (29,8%) concorda que sente dores “de vez em quando”, 15,8% responderam “raramente” e somente 4,9% disseram que nunca sentem dores.

Tabela 94.1 - Dores no corpo (braços, pernas, costas, mãos, pés...)

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	66	20,1
Com frequência	97	29,5
De vez em quando	98	29,8
Raramente	52	15,8
Nunca	16	4,9
Total	329	100,0

Um número muito alto (69%) indicou que sente dores de cabeça no trabalho. A investigação aponta que mais da metade (38%) sente esse desconforto “de vez em quando”, 23,7% “com frequência” e 7,3% “diariamente”. Um quinto (22,5%) alega que raramente tem esse desconforto e somente 8,5% responderam que nunca têm dores de cabeça. Essa também pode ser uma questão que está ligada à ergonomia e, ao excesso de tempo nas telas dos computadores, laptops e celulares? Assim como as informações das tabelas anteriores, essa é uma investigação sobre a situação de saúde dos jornalistas que merece ser aprofundada.

Tabela 94.2 - Dor de cabeça

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	24	7,3
Com frequência	78	23,7
De vez em quando	125	38,0
Raramente	74	22,5
Nunca	28	8,5
Total	329	100,0

Distúrbios digestivos afetam 53,6% dos entrevistados, conforme registra a Tabela 94.3. Para 29,1% acontece “de vez em quando”, 19,3% indicam que ocorrem “com frequência” e 5,2%, “diariamente”. Somente 15% disseram que nunca tiveram esse tipo de problema e 31,3% reconhecem que raramente enfrentaram distúrbios digestivos. Esse tipo de incômodo costuma estar ligado a fatores emocionais, principalmente estresse e excesso de atividade laboral, merecendo, portanto, uma pesquisa mais detalhada sobre a situação. Nas respostas anteriores, pode haver indicativos, como na Tabela 93.4, em que 66,6% discordam da assertiva “Acordei me sentindo relaxada (o) e repousada (o)”, ou a Tabela 94.1, na qual 49,6% responderam que sentem “dores no corpo com maior ou menor frequência no dia a dia de trabalho”.

Tabela 94.3 - Distúrbios digestivos

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	17	5,2
Com frequência	63	19,3
De vez em quando	95	29,1
Raramente	102	31,3



Nunca	49	15,0
Total	326	100,0

Um número muito alto de profissionais (79,9%) se queixa de alterações no sono, de acordo com a Tabela 94.4. Dos entrevistados, 33,2% dizem que sentem isso “de vez em quando”, 30,5% com frequência e 16,2% diariamente. Este é um quadro que mostra certa coerência com as respostas anteriores sobre problemas digestivos e dores de cabeça, indicando que o nível de alteração na profissão é no mínimo preocupante. Apenas 5,5% disseram que “nunca” têm alterações no sono e 14,6% disseram que isso acontece “raramente”.

Tabela 94.4 Alterações no sono

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	53	16,2
Com frequência	100	30,5
De vez em quando	109	33,2
Raramente	48	14,6
Nunca	18	5,5
Total	328	100,0

Também chama atenção a situação da Tabela 94.5, que narra problemas de “alteração no apetite”. Um total de 49,9% revelaram que são acometidos por essa situação, sendo que 21,9% “de vez em quando”, 20,1% “com frequência” e 7,9% “raramente”. A maioria (50,1%), no entanto, não se vê nesta situação, com 32,5% respondendo que raramente têm “alteração no apetite” e 17,6% respondendo que “nunca” têm.

Tabela 94.5 - Alterações no apetite

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	26	7,9
Com frequência	66	20,1
De vez em quando	72	21,9
Raramente	107	32,5
Nunca	58	17,6
Total	329	100,0

O relacionamento com outros colegas não é um problema que preocupa 56,7% dos profissionais do Centro-Oeste, pois 40,2% responderam que raramente têm dificuldades nas relações de trabalho, e 16,5% disseram que nunca tiveram. De outro lado, 43,3% apresentaram alguma queixa, com 6,4% afirmando que “diariamente” têm dificuldades nas relações de trabalho, 11,3% “com frequência” e 25,6%, “de vez em quando” (Tabela 94.6).

Tabela 94.6 - Dificuldades nas relações de trabalho

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	21	6,4
Com frequência	37	11,3
De vez em quando	84	25,6
Raramente	132	40,2
Nunca	54	16,5
Total	328	100,0

Quando questionados sobre “conflitos nas relações familiares” (Tabela 94.7), a maioria (56,8%) se posicionou de maneira despreocupada em relação a essa situação, sendo



que 41,6% disseram que raramente tiveram conflito nas relações familiares e 15,2% nunca tiveram esses mesmos conflitos. Entre os que apresentaram queixas (42,9%), 2,1% responderam que enfrentam essa situação “diariamente”, 12,2% “com frequência” e 28,9% “de vez em quando”.

Tabela 94.7 Conflitos nas relações familiares

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	7	2,1
Com frequência	40	12,2
De vez em quando	95	28,9
Raramente	137	41,6
Nunca	50	15,2
Total	329	100,0

Situações de agressividade no ambiente do trabalho (Tabela 94.8) não são, necessariamente, uma preocupação para 55,3% dos profissionais pesquisados. Para a maioria (36,5%) esses episódios ocorrem “raramente” e 18,8% responderam “nunca”. Dos 44,8% que informaram preocupação com situações de agressividade, 28% responderam que elas ocorrem “de vez em quando”, 11,6%, “com frequência” e 5,2%, “diariamente”.

Tabela 94.8 - Agressividade

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	17	5,2
Com frequência	38	11,6
De vez em quando	92	28,0
Raramente	120	36,5

Nunca	62	18,8
Total	329	100,0

A Tabela 94.9 merece atenção especial quanto à descrição sobre episódios de tristeza no ambiente laboral, considerando que 71,7% descreveram ter este sentimento em algum momento da sua jornada. Mais de um terço dos entrevistados, 36,6% disse ter tristeza “de vez em quando”, 25,3%, “com frequência” e 9,8%, “diariamente”. Pouco menos de um terço (28,3%) não estão afetados por este sentimento, com 21,6% dizendo que “raramente” sentem tristeza e 6,7% respondendo que “nunca” sentem tristeza. Vale considerar que esse quadro de tristeza pode ter correlação com as condições descritas em tabelas anteriores, como alterações no sono (Tabela 94.4), distúrbios digestivos (Tabela 94.3), dores de cabeça (Tabela 94.2), entre outros que podem ser indicativos de estresse laboral. Essa é uma situação que merece investigação mais acurada.

Tabela 94.9 - Tristeza

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	32	9,8
Com frequência	83	25,3
De vez em quando	120	36,6
Raramente	71	21,6
Nunca	22	6,7
Total	328	100,0

A Tabela 94.10 demonstra as respostas sobre “perda de autoconfiança”, e registra que ampla maioria (67,8%) se vê impactada de alguma forma neste quesito. Cerca de metade deste grupo (30,1%) informou que sente perda de autoconfiança “de vez em quando”, 22,5%, “com frequência” e 15,2%, “diariamente”. Um terço do total de entrevistados (32,2%)



não se vê afetado (a), com 24% dizendo que “raramente” têm perda de autoconfiança e 8,2% “nunca”.

Tabela 94.10 - Perda de autoconfiança

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	50	15,2
Com frequência	74	22,5
De vez em quando	99	30,1
Raramente	79	24,0
Nunca	27	8,2
Total	329	100,0

A Tabela 94.11 apresenta mais um indicativo do problema do estresse laboral, com 76,6% respondendo que sentem, para mais ou para menos, “cansaço extremo”. Desse grupo majoritário, 31,9% dizem que têm cansaço extremo “de vez em quando”, 28,3% “com frequência” e 16,4%, “diariamente”. Menos de um quinto dos entrevistados (23,4%) afastam o cansaço extremo como um problema, com 14,6% informando que “raramente” estão nessa condição e 8,8% declarando “nunca”.

Tabela 94.11- Cansaço extremo

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	54	16,4
Com frequência	93	28,3
De vez em quando	105	31,9
Raramente	48	14,6
Nunca	29	8,8

Total	329	100,0
-------	-----	-------

Finalmente, a Tabela 94.12 trata diretamente da questão do estresse laboral, com 79,7% informando que sofre seus impactos. Fazendo um corte neste grupo, delimitando os casos mais intensos, temos 50,8%, com 21% declarando que sentem estresse diariamente e 29,8%, com frequência. Completando esse grupo majoritário, 28,9% responderam que o estresse os afeta “de vez em quando”. Apenas 20,4% informaram que estão praticamente imunes a essa condição, sendo que 15,8% declararam que “raramente” sofrem estresse e 4,6% dizendo que “nunca” o tem. Esta tabela, portanto, aponta coerência com as respostas anteriores sobre as condições de saúde no ambiente laboral.

Tabela 94.12 - Stress

	Frequência	Porcentagem válida
Diariamente	69	21,0
Com frequência	98	29,8
De vez em quando	95	28,9
Raramente	52	15,8
Nunca	15	4,6
Total	329	100,0

7.1. Códigos de ética e valores

Nesta etapa da pesquisa foi realizada uma pergunta simples e direta para saber se os respondentes conhecem ou não o Código de Ética profissional. Sendo que 84,8% disseram conhecer o código e apenas 15,2% afirmaram desconhecimento a respeito das normas e regras para o exercício das atividades profissionais de jornalismo (Tabela 95).



Tabela 95 - Você conhece o Código de Ética do Jornalista Brasileiro?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim	279	84,8
Não	50	15,2
Total	329	100,0

Com relação à atualidade e completude do Código de Ética, 55,8% dos (as) jornalistas brasileiros (as) acreditam que ele é atual, sendo que 41,7% o apontam como atual, mas incompleto e apenas 14,1% dos que o consideram atual o apontam como completo. Outros 44,2% afirmam que o Código é desatualizado, sendo que, desse total, 23,9% apontam o código como suficiente e completo e outros 20,3% como insuficiente e incompleto (Tabela 96).

Tabela 96 - Você considera que este código é:

	Frequência	Porcentagem válida
Atual, suficiente e completo	39	14,1
Atual, mas insuficiente e incompleto	115	41,7
Desatualizado, mas suficiente e completo	66	23,9
Desatualizado, insuficiente e incompleto	56	20,3
Total	276	100,0

A próxima questão analisa a percepção dos jornalistas no que diz respeito a valores necessários para se trabalhar com ética: credibilidade, diversidade, equilíbrio, imparcialidade, justiça, liberdade, objetividade, pluralidade, transparência e verdade (Tabelas 97.1 a 97.10).

Com relação à credibilidade, quase a totalidade dos respondentes (98,5%) consideram extremamente (84,7%) e muito importante (13,8%) este valor jornalístico. Apenas 1,5% apontam a credibilidade como mais ou menos importante ou pouco importante para se trabalhar com ética jornalística (Tabela 97.1).

Tabela 97.1 - Credibilidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	276	84,7
Muito importante	45	13,8
Mais ou menos importante	4	1,2
Pouco importante	1	0,3
Total	326	100,0

A grande maioria dos jornalistas (95,1%) avaliou a diversidade como um valor fundamental, com 69,3% considerando a diversidade como sendo “extremamente importante” e 25,8% como sendo “muito importante”. Outros 2,8% consideram que ela é mais ou menos importante. Para 1,2% esse valor é “pouco importante” ou “sem importância” (0,9%) (Tabela 97.2).

Tabela 97.2 - Diversidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	226	69,3
Muito importante	84	25,8
Mais ou menos importante	9	2,8
Pouco importante	4	1,2
Sem importância	3	0,9
Total	326	100,0



O equilíbrio é muito valorizado pelos jornalistas, pois 94,1% declararam como extremamente (68,8%) e muito importante (25,3%). Apenas 5,6% consideraram esse valor como “mais ou menos importante” e 0,3% responderam que esse valor é “sem importância” (Tabela 97.3).

Tabela 97.3 - Equilíbrio

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	223	68,8
Muito importante	82	25,3
Mais ou menos importante	18	5,6
Sem importância	1	0,3
Total	324	100,0

O valor da imparcialidade (75,5%) registrou a menor porcentagem entre os valores listados pelos jornalistas do Centro-Oeste, como tendo relação importante com o trabalho ético. Mesmo assim, 44,5% consideram esse valor como “extremamente importante” e 31% como “muito importante”. Menos de 20% dos entrevistados (16,6%) apontam como “mais ou menos importante”, 4,9% como “pouco importante” e 3,1% declararam “sem importância” (Tabela 97.4).

Tabela 97.4 – Imparcialidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	145	44,5
Muito importante	101	31,0
Mais ou menos importante	54	16,6
Pouco importante	16	4,9

Sem importância	10	3,1
Total	326	100,0

Justiça foi o segundo valor mais pontuado pelos profissionais na cobertura jornalística (97,6%), com 75,8% declarando que é “extremamente importante” e 21,8% considerando “muito importante”. Somente 2,1% disseram que é “mais ou menos importante” e para 0,3%, “pouco importante” (Tabela 97.5).

Tabela 97.5 - Justiça

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	247	75,8
Muito importante	71	21,8
Mais ou menos importante	7	2,1
Pouco importante	1	0,3
Total	326	100,0

A liberdade (99%) foi o valor mais destacado pelos jornalistas. Não está explícito aqui se é a liberdade de expressão, liberdade de redação ou a liberdade editorial, mas para 81,2% a liberdade é “extremamente importante” e 17,8%, “muito importante”, com 0,9% declarando que é “mais ou menos importante” (Tabela 97.6).

Tabela 97.6 - Liberdade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	264	81,2
Muito importante	58	17,8
Mais ou menos importante	3	0,9
Total	325	100,0



O valor da objetividade (Tabela 97.7) recebeu 88% de afirmações positivas, com 58,8% considerando que é “extremamente importante” no trabalho jornalístico e 29,2% como “muito importante”. Esse valor se coloca como um desafio diário para o jornalista nestes tempos de *fake news*, em que grupos distorcem informações nas redes sociais, tornando caro para o jornalismo o debate da regulamentação das *big techs*²², mas também reforçando o importante papel do jornalismo profissional balizado por questões éticas. Pouco mais de 10% não atribuíram tanto valor à objetividade, com 9,2% afirmando que é “mais ou menos importante”, 1,8% “pouco importante” e 0,9% “sem importância”.

Tabela 97.7- Objetividade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	191	58,8
Muito importante	95	29,2
Mais ou menos importante	30	9,2
Pouco importante	6	1,8
Sem importância	3	0,9
Total	325	100,0

Em um país com cada vez mais casos de racismo, misoginia, agressões à comunidade LGBTQIAP+ e ataques a jornalistas é salutar que 94,8% dos entrevistados considerem a pluralidade como um valor a ser defendido. Para 72,6%, a pluralidade é “extremamente importante” e 22,2% consideraram “muito importante”, com 4% avaliando como “mais ou menos importante” e 0,6% considerando como “pouco importante” ou “sem importância” (Tabela 97.8).

²² A regulamentação tem como objetivo que empresas como *Google, Meta* e outros respondem pelos mesmos padrões éticos que regulamentam o jornalismo profissional.

Tabela 97.8 - Pluralidade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	236	72,6
Muito importante	72	22,2
Mais ou menos importante	13	4,0
Pouco importante	2	0,6
Sem importância	2	0,6
Total	325	100,0

Assim como a liberdade (99%), a transparência (97,2%) é muito apreciada pelos jornalistas, pois 83,7% a valoram como “extremamente importante” (83,7%) e 13,5% “muito importante”. Somente 2,8% responderam que é mais ou menos importante (Tabela 97.9).

Tabela 97.9 - Transparência

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	272	83,7
Muito importante	44	13,5
Mais ou menos importante	9	2,8
Total	325	100,0

Em “empate técnico” com a liberdade (99%), a verdade (99,4%) se destaca como valor para quem faz jornalismo, com 88,7% avaliando que ela é “extremamente importante” e 10,7%, “muito importante” e 0,3% apontando como “mais ou menos importante” ou “sem importância” (Tabela 97.10).



Tabela 97.10 - Verdade

	Frequência	Porcentagem válida
Extremamente importante	289	88,7
Muito importante	35	10,7
Mais ou menos importante	1	0,3
Sem importância	1	0,3
Total	326	100,0

A ampla maioria dos profissionais do Centro-Oeste (76,4%) respondeu ao questionamento *“Você considera ter condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?”*, declarou *“sim, tenho condições totais para isso”*. Cerca de 20% deles (18,7%), admitiram que apenas *“parcialmente”* e 4,9% informaram *“não, não tenho”*. Nestas últimas duas respostas podem estar os grupos que tratam de assessoramento para empresas ou governo, ou indicam algum outro nível de censura e/ou limitação laboral que não ficaram explicitadas nas respostas sobre liberdade, transparência e verdade (Tabela 98).

Tabela 98 - Você considera ter condições profissionais para atuar dentro da ética jornalística?

	Frequência	Porcentagem válida
Sim, tenho condições totais para isso	249	76,4
Não, não tenho	16	4,9
Parcialmente	61	18,7
Total	326	100,0

A Tabela 99 trata da questão *“O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?”*, que traz as seguintes respostas de múltipla escolha: 1) Despreparo técnico; 2) Desestímulo e dificuldades no local de trabalho; 3) Sobrecarga de trabalho e falta de tempo; 4) Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros; e 5) Trabalho fora da mídia; e 6) Trabalho como docente.

A maioria significativa de 64,9% respondeu não exercer esse valor plenamente devido à “pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros”, corroborando com as respostas da Tabela 98. Outra resposta expressiva (31,2%) foi “sobrecarga de trabalho e falta de tempo”, que demonstra como as demissões nas redações e as mudanças constantes no mercado jornalístico podem estar afetando os padrões éticos de seus profissionais. Essa última resposta se completa com a de outros 27,3% que declararam que “desestímulos e dificuldades no local de trabalho” também afetam a ética.

Nas respostas sobre os valores liberdade, transparência, verdade, pluralidade e objetividade (Tabelas 97.1 a 97.10), a imensa maioria da categoria profissional mostrou que partilha desses valores, mas, do ponto de vista objetivo do mercado de trabalho atual, eles encontram dificuldades para torná-los realidade na prática profissional. As pressões identificadas e apontadas na Tabela 99, de certa forma se contradizem com as assertivas na Tabela 98. Cabe aí, talvez, ampliar a investigação para esmiuçar que fatores ou valores empurram os empregadores a forçar a quebra dos valores éticos.

Tabela 99 - O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?

	Frequência	Porcentagem válida
Despreparo técnico	8	10,4
Desestímulo e dificuldades no local de trabalho	21	27,3
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	24	31,2
Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros	50	64,9
Trabalho fora da mídia	13	16,9
Trabalho como docente	4	5,2



Outro. Qual?	5	6,5
Total de respondentes válidos	77	100,0
Total de respostas	202	

A última tabela sobre os valores éticos (Tabela 99.1), que analisa as questões do exercício ético do jornalismo, é uma resposta livre dos respondentes. Apenas cinco pessoas responderam outros motivos, que não estão elencados nos enunciados relacionados no questionário. Na primeira resposta, o respondente fala sobre aceitar valor salarial abaixo do piso salarial como previsto no Código de Ética dos Jornalistas e apresenta como um desabafo sobre as condições precárias de trabalho que exerce, de uma jornada superior à determinada pela profissão e abaixo do piso salarial. Um dos respondentes acusa “Governo Bolsonaro” e a pressão por métricas de impedir de exercer o jornalismo eticamente. Por fim, dois outros apontam os interesses da empresa e do serviço público do não cumprimento ético da profissão:

O jornalismo praticado no serviço público não é rigorosamente jornalismo, e deve seguir, em primeiro lugar, os preceitos éticos do serviço público.

Estamos trabalhando para defender pontos de vista e interesse da empresa. Zero diversidade de opiniões. Constante e frequente manipulação da informação para defender esses interesses. Desprezamos fatos e projetos de relevância para a população se não for do interesse da empresa. E da porta pra fora é uma empresa que diz ter código de ética e ser isenta.

Tabela 99.1 - O que impede que você exerça o jornalismo eticamente?

	Frequência
De acordo com o código aceitar um emprego que pague salário abaixo do piso dos jornalistas é antiético. Eu recebo um salário abaixo do piso p/ 30h semanais e trabalho 40h semanais, pois não achei outro emprego. Isso me torna uma pessoa antiética. E, com isso, além de me sentir um lixo por todas as violações e desrespeito da empresa comigo, vivo neste conflito por ser uma pessoa antiética! Eu sou antiética, pois aceitei receber um salário abaixo do piso!	1
Estamos trabalhando para defender pontos de vista e interesse da empresa. Zero diversidade de opiniões. Constante e frequente manipulação da informação para defender esses interesses. Desprezamos fatos e projetos de relevância para a população se não for do interesse da empresa. E da porta pra fora é uma empresa que diz ter código de ética e ser isenta.	1
Governo Bolsonaro.	1
O jornalismo praticado no serviço público não é rigorosamente jornalismo, e deve seguir, em primeiro lugar, os preceitos éticos do serviço público.	1
Pressão por métricas.	1

7.2. Comentários e avaliações da pesquisa

O último item do questionário complementar foi aberto para que o respondente pudesse tecer comentários e observações adicionais a respeito do tema da pesquisa, questionário e/ou outro relacionado à sua experiência como jornalista/docente. Os 58 comentários registrados, após análise, foram reorganizados de acordo com as semelhanças e as relações das respostas, somando quatorze (14) categorias, descritas a seguir: Sobre a Pesquisa (21), Elogios (06), Críticas (06), Sugestões (06), Dúvidas (03), Precarização do Trabalho e da Carreira jornalística (13), Consequências da pandemia de Covid-19 (02), Desvalorização da profissão (02), Reflexão sobre Princípios do Jornalismo (04), Incertezas relacionadas ao papel do



jornalismo na sociedade (01), Falta de atuação dos órgãos representativos (Sindicatos) (03), Comentários sobre atuação profissional (03), Nada a Comentar (09) e Comentário de ordem pessoal não compreensível e não relevante para a pesquisa (02).

Dos 322 respondentes dessa etapa final da pesquisa, apenas 58 registraram comentários abertos, um número bem menor do que na pesquisa anterior, que foi de 217 respostas registradas. Desse universo, 09 declararam não ter comentários adicionais e 21 das respostas abordaram a própria pesquisa, representando 12,39% do total. Dos 21 comentários, 06 continham elogios, 06 se tratavam de críticas, 06 de sugestões e 03 de dúvidas. Os elogios não apenas parabenizam pela realização da pesquisa, mas também apontam a importância de se conhecer o perfil do jornalista brasileiro e, por fim, destacam a relevância e a pertinência do estudo:

Percebo a pesquisa como um importante instrumento para definir o perfil socioeconômico e político do jornalista brasileiro, uma profissão que, infelizmente, tem sofrido demais com o atual cenário brasileiro e que exige grandes adaptações por parte da categoria.

As críticas destacaram desde a amplitude do questionário até a falta de abordagem de alguns temas. Um dos participantes apontou que a pesquisa era “muito longa”, enquanto outra resposta relatou o mesmo com uma ressalva: “muito longa, mas boa”. Na visão de dois entrevistados, a pesquisa se mostrou mais voltada aos jornalistas que trabalham em redações:

A pesquisa não contemplou o jornalista autônomo, que se cansou de estar em um ambiente de trabalho ruim, de ser desvalorizado, de ver sua saúde prejudicada e tantas outras coisas e resolveu seguir sua carreira solo para ter qualidade de vida e valorização profissional. Faltou perguntar qual a situação atual deste jornalista. A pesquisa colocou como se todos trabalhassem em empresas de comunicação, quando a realidade atual traz outra.

Achei o questionário muito voltado aos profissionais de jornalismo em redações, daí fica meio desatualizado com as diversas facetas do jornalismo.

Dentre as sugestões, foram registradas respostas sobre a inclusão de assuntos ou ampliação de abordagens. Houve a proposição de realizar a pesquisa anualmente e incluir questões relacionadas à formação ou experiência específica dos jornalistas. Também foi sugerida uma ampliação na abordagem relacionada às pressões profissionais que os jornalistas sofrem para que atuem de forma multitarefas. Um dos entrevistados sugeriu que houvesse mais perguntas sobre a modalidade *freelancer*, microempreendedor individual (MEI) como fonte de renda principal.

Importante e pertinente desde que tenha reflexo na divulgação de seus resultados e aos órgãos empregadores diversos.

Destaca-se que os temas sugeridos pelos participantes poderiam estar contemplados nas diversas perguntas e opções de respostas do questionário, contudo essas críticas e sugestões refletem como o alto nível de diversificação das atividades e de regimes de trabalho nessa categoria apresenta desafios para a realização desse tipo de estudo. Entretanto, tais respostas auxiliam tanto na análise do cenário profissional atual do jornalista, quanto em possíveis avanços na elaboração de futuros levantamentos.

A ideia de que a pesquisa não contemplou essas diversas situações aparece tanto na afirmação direta quanto no caso de respondentes que sentiram necessidade de utilizar a questão aberta para detalhar o formato e as atividades do seu trabalho.

Três entrevistados apresentaram dúvidas sobre o estudo, um deles perguntou qual o motivo da pesquisa e outro apontou que gostaria de saber mais sobre os resultados da pesquisa. Já outra dúvida abordou a forma de tabulação dos dados sobre cor/raça.



Gostaria de saber mais sobre os resultados da pesquisa. Parabéns pelo trabalho.

Qual o motivo desta excelente pesquisa?

Gostaria de entender como vocês irão tabular as respostas ao quesito cor ou raça já que inseriram um campo de resposta em aberto, diferente do que faz o censo do IBGE.

Doze entrevistados teceram comentários envolvendo questões relacionadas à precarização do trabalho e da carreira jornalística. A maior parte das respostas destacaram os seguintes aspectos: 1) a remuneração na profissão não seria adequada; 2) a falta de obrigatoriedade do diploma; 3) as poucas possibilidades de ascensão profissional nas empresas; 4) as altas cargas horárias; e 5) questões relacionadas à saúde mental dos profissionais.

A profissão é precária e mal remunerada para a maioria dos profissionais. No entanto, muitos que atuam na área sequer são profissionais.

As empresas de jornalismo/mídia em geral são familiares, não permitem ascensão profissional e pagam mal.

Ainda sobre o tema da precarização do trabalho e da carreira jornalística, dois dos entrevistados comentaram sobre a desvalorização da profissão. Já duas respostas abordaram especificamente as questões ligadas às consequências negativas da pandemia de Covid-19 para as condições de trabalho dos profissionais.

A carreira está muito desvalorizada. Temos que desempenhar a função de vários profissionais ao mesmo tempo. Os assédios são constantes e a falta de perspectivas dá vontade de desistir. Aos 30 anos chegamos ao ápice da carreira e, na maioria dos casos, aos 45 estamos lutando para sobreviver.

A pandemia remodelou a forma de trabalhar de muitos jornalistas, mas nem sempre para melhor. O *home office*, por exemplo, pode ser danoso se não houver a devida separação entre trabalho e vida doméstica.

Carga horária exaustiva, com baixa remuneração e falta de apoio psicológico por parte da empresa durante a pandemia resultou na: 1) falta de mão de obra (muitos pediram demissão ou foram demitidos pela improdutividade consequente da sobrecarga); 2) serviço com qualidade baixa (devido ao cansaço e carga psicológica); 3) depressão em muitos profissionais (pela frustração de não evoluir em conhecimento e salarialmente). É exaustivo ser jornalista em períodos normais, pior ainda noticiando esse governo e cobrindo pandemia. Devia ser, pelo menos, proibido em todas as circunstâncias a realização de hora extra acima de 2h/dia.

Analisando as respostas sobre a precarização do trabalho e da carreira jornalística, percebe-se que muitos profissionais destacam as condições de trabalho, bem como questões ligadas à carga horária do jornalista. As impressões relatadas se confirmam, pois, como citado anteriormente, essa pesquisa registrou que 33% dos entrevistados declararam que trabalham de sete a oito horas por dia e 28% afirmaram ter, de nove a dez horas, de jornada de trabalho. Dessa forma, as respostas dissertativas vão ao encontro dos dados quantitativos registrados nesse estudo sobre o Perfil do Jornalista do Centro-Oeste.

Na última questão, também foram realizadas quatro reflexões sobre princípios do jornalismo. Um dos participantes apontou um conflito ético no seu atual local de



trabalho, o qual estaria ligado à veiculação de publieditoriais, as quais, muitas vezes, conforme a resposta, faltaria com a verdade dos fatos. Por fim, na relativização da imparcialidade, um dos jornalistas participantes escreveu:

A imparcialidade pode ser relativizada sempre que houver transparência sobre qual a intenção, opinião do interlocutor e que haja compromisso ético e com a verdade dos fatos.

Nesse mesmo tema, outro comentário refletiu sobre a importância da objetividade no jornalismo. E um dos participantes apontou a utilização da estrutura de empresas públicas de comunicação para a autopromoção ou propaganda de gestões governamentais:

[...] Os governos usam a estrutura para fazer autopromoção e propaganda. A comunicação fica em segundo plano ou esquecida quando as informações a serem divulgadas têm potencial de manchar reputações dos mandatários da vez.

As incertezas relacionadas ao papel do jornalismo foram citadas em uma das respostas. Nela, o participante destacou que: “Vivemos em um tempo de muitas dúvidas sobre as condições para o jornalismo cumprir o seu efetivo papel social”. Percebe-se nessa resposta a preocupação do profissional com o papel social do jornalismo diante dos desafios que se apresentam na contemporaneidade.

A atuação dos órgãos representativos (sindicatos) foi o tema de três respostas. Em uma delas, o participante acredita que há certa imparcialidade por parte dos órgãos representativos:

Falta da parte dos sindicatos, associações e lideranças da classe a defesa da liberdade dos jornalistas que não são da esquerda ou de centro. Eles são abandonados

pela classe que deveria defender a liberdade de expressão e imprensa.

Em outra resposta sobre o tema, o participante apontou a falta de representação dos sindicatos nos ambientes universitários: “falta maior atuação dos sindicatos nos cursos universitários de comunicação, com vistas a sensibilizar os estudantes sobre a importância das organizações sociais como instrumento de organização política e social”. Enquanto outra resposta apontou o distanciamento dos órgãos representativos: “o sindicato não se aproxima, defendendo que os funcionários é que devem procurá-lo para fazer queixas. As pessoas sofrem caladas e com medo de se comunicarem e perderem o emprego”. Diante dessas respostas, percebe-se que os profissionais sentem falta de uma atuação mais proativa por parte dos órgãos representativos da categoria.

Três participantes realizaram comentários sobre a sua atuação profissional. Um deles comentou: “Sou jornalista de fronteira. Atuei durante 30 anos na divisa do Brasil com o Paraguai. Hoje faço mais trabalhos *freelancer*”. Outro respondente apontou que pretende “iniciar carreira de docente junto com atuação jornalística”. E outro respondeu que acredita que “jornalistas devem ser corteses e colaborativos com seus colegas, sempre. Isso não vem acontecendo, há décadas”. Compreende-se que os entrevistados também perceberam essa questão como uma oportunidade de fazer comentários sobre suas experiências ou intenções profissionais ou, até mesmo, sobre temas relacionados ao relacionamento profissional entre jornalistas. Dessa forma, entende-se que os participantes também perceberam a pesquisa como uma oportunidade de se expressar, muitas vezes em tom de “desabafo”.

Por meio das respostas registradas, a pesquisa parece ter proporcionado aos participantes uma oportunidade de reflexão sobre questões complexas e profundas, como a precarização e a desvalorização da profissão e os princípios éticos do jornalismo, situações vivenciadas no cotidiano.

Com base na análise realizada e como forma de sintetizar tais dados pode-se apontar que:

- a) A pesquisa proporcionou que os participantes refletissem sobre temas que vivenciam em seu cotidiano profissional, elaborando considerações e problematizações sobre: a precarização do trabalho e da carreira jornalística, as



- consequências da pandemia de Covid-19 para as condições de trabalho, a desvalorização da profissão, os princípios do jornalismo, as incertezas relacionadas ao papel social da profissão e a atuação dos órgãos representativos;
- b) Percebe-se um sentido de desabafo em algumas respostas, principalmente, nas que abordam a desvalorização da profissão, questões relacionadas à sobrecarga de trabalho, saúde mental e atuação profissional.
 - c) Entrevistados apontaram que o questionário seria muito voltado aos jornalistas que trabalham em redações, abrangendo poucas outras categorias como os funcionários públicos ou os *freelancers* (MEIs);
 - d) Foi questionado sobre qual a finalidade e formas de divulgação do estudo, apontando que, talvez, não tenha ficado totalmente esclarecido para alguns participantes;
 - e) As respostas que citaram os sindicatos apontam uma falta de atuação mais proativa desses órgãos representativos;
 - f) Destaca-se o número significativo de respostas dissertativas que citaram a precarização da carreira e do trabalho jornalístico, bem como a desvalorização da profissão, mencionando baixa remuneração, sobrecarga de tarefas e de cargas horárias.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa do Perfil do Jornalista na região Centro-Oeste apontam proximidades e semelhanças em relação ao Perfil do Jornalista Brasileiro publicado em 2021, embora apresentem contextos específicos e peculiares da região que concentra no Distrito Federal o maior percentual de trabalhadores jornalistas (54,8%). Esse dado impacta significativamente as demais interpretações, uma vez que indica uma concentração de jornalistas trabalhadores no serviço público e com relativa estabilidade, desejo esse expressado pela maioria dos jornalistas da região. Identificamos, ainda, que a maioria de profissionais jornalistas é constituída por mulheres brancas e que se dividem, quase que igualmente, entre as que estudaram em instituições de ensino privada e pública.

Há uma predominância de vínculo empregatício com carteira assinada (42,6%), seguidos por servidores públicos e, por isso, a região Centro-Oeste realça uma maior estabilidade profissional em comparação com o cenário nacional, resultando também na maior renda média, com 32,5% dos jornalistas respondentes indicando uma faixa salarial entre R\$5.501 a R\$11 mil.

Os jornalistas trabalhadores do Centro-Oeste atuam principalmente em veículos de comunicação de grande, médio e pequeno porte (53,4%), mas também há um percentual importante (42%) que trabalha fora da mídia, em atividades como assessoria de imprensa ou comunicação e com a produção de conteúdo para mídias digitais. A tendência é que os jornalistas trabalhem em equipe. Do total, 36,1% dos jornalistas participantes trabalham em equipes com mais de 20 jornalistas.

Apesar dos números mencionados, ainda há 10,3% de profissionais integrando grupo de jornalistas solo. A porcentagem é preocupante, uma vez que há menções sobre precarização e sobrecarga de trabalho. Além disso, preocupa-nos questões como a sociabilidade, a saúde mental e a reduzida possibilidade de intercâmbio nas atividades jornalísticas desse perfil que figura o que a literatura já estudada denomina como jornalistas polivalentes ou multitarefas.

Identificamos que 51% dos respondentes afirmam desempenhar a função de repórter, atuando principalmente em reportagem, pauta, produção e edição. Realçamos que as funções tradicionais do jornalismo ainda são majoritárias entre os trabalhadores jornalistas



do Centro-Oeste, embora o cenário de mutações e reconfigurações profissionais tenha nuances importantes como a formação de equipes multidisciplinares, chamando atenção para o fato de que jornalistas realizam mais de uma atividade simultaneamente.

Consideramos importante mencionar que há um grupo de jornalistas que atua na docência com 91% deles trabalhando em cursos de Jornalismo. Desses, 30% atuam como docente por um período entre 11 e 15 anos. A maioria dos jornalistas docentes trabalha em universidades federais, com uma parcela de 39,1% atuando em programas de pós-graduação em Comunicação, o que denota um grupo dedicado à especialização à pesquisa no campo.

Identificamos, ainda, os jornalistas que atuam fora da mídia e que se concentram em assessorias de imprensa, órgãos públicos e agências de comunicação. Embora assessoria de imprensa seja uma atividade reconhecida no Brasil como jornalística e órgãos públicos e agências de comunicação possuam suas próprias mídias para se comunicarem, os respondentes indicaram atuar fora da mídia, talvez pela compreensão de mídia como sinônimo de veículos de comunicação. Essa percepção já tem sido objeto de pesquisas no Brasil, ao longo dos últimos anos, com destaque para as discussões sobre identidade jornalística e mídia das fontes.

Consideramos importante mencionar que entre as atividades desenvolvidas pelos jornalistas que atuam fora da mídia no Centro-Oeste, há uma variedade de atividades, reforçando o que mencionamos sobre o perfil profissional polivalente ou multitarefa profissional, mas identificamos uma baixa porcentagem (7,2%) entre os respondentes que se dedicam ao planejamento de negócios. Esse ponto merece nossa atenção, sobretudo pela crise do modelo de negócio tradicional do jornalismo e as recentes e necessárias discussões sobre sustentabilidade, gestão e empreendedorismo no jornalismo.

Entre os jornalistas do Centro-Oeste, 29,3% revelaram uma rotatividade em seus empregos, indicando que estão em seus respectivos empregos pelo período de um a três anos. Esse dado é um alerta para refletirmos sobre as questões de instabilidade, bem como da formalidade, já que 51% dos jornalistas do Centro-Oeste atuam fora do ambiente formal, em suas residências, por exemplo. Esse quadro se agrava ainda mais quando 73,5% dos entre-

vistados declararam trabalhar mais de sete horas por dia. Além da discordância com a legislação brasileira que estabelece carga horária diária de cinco horas diárias para o jornalista profissional, indica precarização, redução de postos de trabalho, acúmulo de funções e um cenário propício para o adoecimento dos trabalhadores jornalistas.

Em relação à saúde laboral, mais da metade dos jornalistas entrevistados (64,8%) indicou se sentir estressado no ambiente de trabalho. Um dado que inspira cuidado é que 37,7% declararam que já foram diagnosticados com a doença. Isso significa dizer que boa parte dos profissionais que relatam se sentir estressados não buscaram ajuda profissional até então ou, em outra hipótese, não receberam diagnóstico.

Apesar dos dados acima mencionados, há um relativo grau de satisfação com o trabalho, embora existam evidências de frustrações entre os trabalhadores jornalistas do Centro-Oeste por não terem obtido o retorno sonhado ou esperado da profissão. Talvez esse cenário de frustrações ou decepções profissionais esteja associado às condições de precarização profissionais já citadas neste trabalho.

Não obstante, é preciso ressaltar que 50,7% dos jornalistas se sentem satisfeitos com as funções que desempenham na profissão. Esse dado nos leva a crer que, mesmo em um cenário desafiador, com relações precárias de trabalho, com condições adversas em relação à redução de equipes, sobrecarga de trabalho, sucessivos plantões e acúmulo de funções, há uma identificação genuína da(o)s profissionais com suas funções, revelando um *ethos* profissional bastante fortalecido.

Com relação à saúde dos jornalistas, os dados parecem apontar para uma maior precarização na qualidade de vida no trabalho nos vários indicativos relacionados na pesquisa. Entre estes dados podemos destacar a grande intensidade no ritmo de trabalho (73,80%), tarefas cumpridas sempre com pressão de prazos (67,5%) e equipes cada vez menores (66,5%). O trabalho jornalístico é desenvolvido em equipe e de forma colaborativa, ter equipes insuficientes leva ao acúmulo de funções, mais responsabilidades e atividades sobre um número cada vez menor de pessoas. Tudo isso impacta em equipes de trabalho cada vez mais sobrecarregadas, portanto, na precarização na qualidade de vida do profissional jornalista, e, conseqüentemente, em adoecimentos.

As condições de trabalho cada vez mais precárias apontadas nos dados acima levam a precarização da saúde do profissional. Outros indicadores importantes demonstraram que



os jornalistas apresentam sintomas de doenças laborais. Entre eles, os dados que mais nos chama atenção é que a maioria apresenta sintomas como estresse (79,7%), alterações no sono (79,9%), cansaço extremo (76,6%), tristeza (71,7%), dores de cabeça (69%), perda de confiança (67,8%), distúrbios digestivos (53,6%) e dores no corpo (49,6%). Apontando para um quadro de adoecimento do profissional diante das condições de trabalho a que são submetidos.

Como alternativa a este quadro, muitos profissionais têm partido para empreender e gerir novos negócios em comunicação e jornalismo, como forma de fugir de rotinas estafantes e estressantes, que geram, cada vez, a precarização da saúde e a perda da qualidade de vida profissional. Outra saída tem sido investir em maior qualificação (mestrados e doutorados) e partir para a carreira docente em universidades.

Com relação ao Código de Ética dos Jornalistas, 84,8% disseram conhecer e 55,8% o acham atual e completo. E apesar de considerarem importantes valores como credibilidade, diversidade, equilíbrio, justiça, liberdade, entre outros, a imparcialidade foi o valor que foi considerado menos importante (75,5%). E quanto ao que impede o exercício do jornalismo eticamente pelo profissional, a maioria significativa de 64,9% respondeu que não exerce este valor plenamente devido a "Pressão de anunciantes, patrões, governos ou outros".

Nos comentários e na avaliação final da pesquisa vale destacar o número significativo de respostas que citaram a precarização da carreira e do trabalho jornalístico, bem como a desvalorização da profissão, mencionando baixa remuneração, sobrecarga de tarefas e de cargas horárias, salientando os dados apresentados anteriormente. Além disso, percebe-se um sentido de desabafo em algumas respostas, principalmente, nas que abordam a desvalorização da profissão, questões relacionadas à sobrecarga de trabalho, saúde mental e a atuação profissional. E diante deste quadro, apontam a falta de atuação mais proativa dos sindicatos da categoria na defesa dos direitos e na articulação para mudança da realidade. Deste modo, os dados parecem apontar sobre a fraca atuação dos sindicatos em não conseguir um piso salarial nacional e a garantir direitos e salários dignos para estes profissionais no mercado. Somado a isso, temos a pejotização que não consegue ser combatida pelos sindicatos.

Os entrevistados também criticam o fato do questionário ser muito voltado aos jornalistas que trabalham em redações, abrangendo pouco outras categorias como os servidores públicos, *freelancers*, MEIs. Sugerimos que nos próximos questionários existam possibilidades para considerar a realidade também destes profissionais e o contexto de mudanças, assim como esclarecer melhor qual a finalidade e formas de divulgação do estudo, pois isso foi apontado em vários comentários, talvez porque não ficou suficientemente claro no questionário da pesquisa.

Diante do quadro apresentado, essas são apenas algumas das informações relevantes deste estudo que buscamos interpretar causas, correlacionar, comparar com o contexto nacional e identificar tendências. Sugerimos o aproveitamento da base de dados para pesquisas mais aprofundadas e aprimoradas, mas também indicamos a necessidade de pensarmos o perfil profissional na região Centro-Oeste a partir de práticas profissionais que promovam o autocuidado, a saúde mental, bem como melhores condições de trabalho para os jornalistas. O Perfil dos Jornalistas do Centro-Oeste figura como um estudo relevante e pioneiro no sentido de indicar evidências, sugerir caminhos e alternativas.

Os resultados também apontam para a necessidade de que as universidades responsáveis pelo ensino profissional do Jornalismo na região possam se inspirar nos resultados na busca pelo ensino da prática profissional cada vez mais alinhado às exigências observadas no cenário de mutações profissionais. Dessa forma, essas instituições poderão ampliar as discussões sobre a criação de uma ambiência cada vez mais colaborativa, empreendedora, sustentável sem perder de vistas os aspectos relativos à saúde física e mental para a formação das próximas gerações.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 01 maio de 2023.

BRASIL. Decreto Nº 83.284/79, de 13 de março de 1979. Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1979. Acesso em 01 maio de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lesões por esforços repetitivos (LER). Biblioteca Virtual em Saúde. Brasília, 2023. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/lesoes-por-esforcos-repetitivos-ler/>. Acesso em 02 maio de 2023.

BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. Cartilha de Prevenção ao Assédio Moral e Sexual - Por um ambiente de trabalho mais positivo. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/documents/10157/26144164/Campanha+ass%C3%A9dio+moral+e+sexual+-+a5+-+12092022.pdf/f10d0579-f70f-2a1e-42ae-c9dcfcc1fd47?t=1665432735176>. [Acesso em 03 maio de 2023.](#)

LIMA, S. et al. Perfil do Jornalista Brasileiro 2021. Características demográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

LIMA, S. P. A precarização do trabalho e a saúde dos jornalistas brasileiros. In Anais do III 3º Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo (Mejor). Florianópolis, 2015. Disponível em <https://mejor2015.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/05/merged-51.pdf>. Acesso em 2 jun 2023.

PRADO, Claudia Eliza Papa do. Estresse ocupacional: causas e consequências. Rev. Bras. Medicina do Trabalho, v. 14, n.3, p. 285-289, 2016.

SOCIEDADE Brasileira de Reumatologia. Ler/Dort. 2022. Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/ler-dort/>. Acesso em 03 maio de 2023.